Curso Online de Filosofia

OLAVO DE CARVALHO

Aula 09
06 de junho de 2009

[**versão provisória**]
Para uso exclusivo dos alunos do Curso de Filosofia Online.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor não cite nem divulgue este material.

[COF20090606]
Boa tarde a todos!

Eu quero hoje anunciar alguns princípios os quais nós podemos chamar de ética da vida intelectual. Ao longo desse ano nós vamos nos concentrar mais na técnica e na ética da vida intelectual, do que nos assuntos filosóficos propriamente ditos. O que eu enunciar por enquanto de temas filosóficos é só para ilustrar certas coisas que eu estou falando dos elementos técnicos e éticos da vida intelectual. Ainda não é um estudo filosófico *ex professo*.

Na aula passada — não me lembro se é exatamente na última ou na penúltima —, eu estive explicando para vocês alguma coisa sobre a leitura dos clássicos da filosofia. Disse que, em primeiro lugar, não se devia selecionar as leituras só pela sua importância histórica, pela sua ordem cronológica ou por qualquer outro motivo, mas selecioná-las por temas. Como é que você vai saber quais são os livros que tratam dos temas que lhe interessam? Aí aparece outro preliminar que é o domínio das bibliografias e dos instrumentos de pesquisa. Sem isso não se fará nada, nada, nada. Antes de se aprender a ler os livros de filosofia, o estudioso tem de saber onde eles estão, do que estão falando e ter uma idéia dos indices. Ou seja, durante um ano você vai se tornar um excelente leitor de índices, orelhas etc., para saber onde estão as coisas. Hoje em dia o problema da pesquisa bibliográfica está muito facilitado pela internet. Quando eu comecei a estudar isto era uma agonia porque as grandes bibliografias custavam uma nota, eram publicações caríssimas. Hoje se tem pela própria internet uma série de publicações bibliográficas. Eu recomendo muito que vocês se associem a um site chamado Questia [http://www.questia.com], que como instrumento de pesquisa é uma maravilha, porque eles têm lá uma biblioteca que eu acho que está com 100.000 livros hoje — e uma boa parte do que precisarão, se quiser, encontrarão lá.

Como, evidentemente, o critério de seleção dos sites se refere a uma importância geral, algumas vezes não vai coincidir exatamente com o foco do tema que lhe interessa, mas sempre alguma coisa você encontrará lá. E estes temas devem ser escolhidos não por motivos escolares e pedagógicos, mas por motivo de interesse real; é um conselho que o Jean Guitton sempre dizia: “Cave onde você está”. Qual é o fundamento deste conselho em última

análise? Existem dois objetivos diferentes para quem quer que entre numa vida de estudos: a) o primeiro é a ambição de tornar-se um olhar abrangente. É como se, pela imaginação, pelo esforço, tal sujeito se transpusesse a um outro plano de onde contempla as coisas deste mundo, contempla a natureza, contempla a História, contempla os fatos, em busca de obter uma visão geral organizada. Este tipo de ascensão imaginativa pode criar uma sensação muito boa. Jacob Burckhardt, no final do livro *Considerações Sobre a História Universal,* descreve uma coisa deliciosa que ele chama de "a suprema beatitude do entendimento": o sujeito se coloca num plano superior e, deste modo, ele observa todo o fluxo das desgraças, das tragédias e comédias humanas, sem participar pessoalmente daquilo, mas contemplando o espetáculo como se fosse um objeto estético, por assim dizer. Esta é geralmente a atitude de quem entra nesse negócio e quase todos buscam isso. b) Outros buscam um pouco mais do que isto: eles querem chegar a uma compreensão do fluxo total para poder dirigi-lo ou poder influenciá-lo. É aquele negócio de Karl Marx de o indivíduo não interpretar o mundo, mas compreendê-lo. O sujeito que entra nessa perspectiva de tipo marxista ainda está dentro da ótica que eu mencionei antes, ainda está em busca da "beatitude do entendimento", com a diferença que ele não se contenta só com a beatitude — não quer só contemplar as coisas como se fosse um deus—, mas ele quer, de lá de cima de onde ele está, influenciar o fluxo das coisas. Ele quer transformar o mundo e moldá-lo à sua imagem e semelhança. Estas duas atitudes — a) a busca da contemplação da realidade e a contemplação estética, b) e a busca do ponto de observação privilegiado desde onde o curso das coisas pode ser alterado — têm sido ao longo dos últimos séculos a motivação básica das pessoas que entram na vida intelectual. Um pouco dessas duas atitudes é até certo ponto inevitável, elas são um componente da própria vida intelectual. A busca de um recuo cognitivo de onde o estudioso possa enxergar as coisas, até a busca de uma própria objetividade, de uma própria imparcialidade, de uma própria idoneidade implica este recuo, esta retirada para um plano superior. Até certo ponto isto é inevitável.

Digamos que isso alcança uma culminação em Kant, na idéia do "eu transcendental". Este "eu transcendental" é aquele posto de observação privilegiado desde o qual você compreende não só o mundo da experiência, o mundo que lhe chegou através dos fatos, mas compreende a própria compreensão que tem desses fatos, colocando-se naquele plano onde as condições ocultas que permitiram a experiência — mas que só se revelam no curso da própria experiência — lhes são por fim revelados e você se torna uma espécie da consciência da consciência.

Tudo isso, como eu disse, até certo ponto é inevitável, são componentes técnicos, por assim dizer, da vida intelectual. Mas tomado como objetivo humano, essas atitudes se baseiam em uma premissa absolutamente falsa, que é a de que nós podemos efetivamente nos colocar acima da realidade e observá-la como se fossemos o próprio Deus, por exemplo. Há nessa coisa toda uma falha fundamental. Notem bem, eu digo isso para vocês porque durante anos — eu não estou falando assim *ex cathedra* — essa foi também a minha atitude. Quando eu li no Burckhardt essa coisa da "suprema beatitude do entendimento", eu falei "É isso o que eu quero. Isso aqui é uma maravilha!" Só anos mais tarde é que eu fui compreender que aquilo se baseava em uma

falha existencial causada justamente pela perda da perspectiva verdadeiramente espiritual. Quando eu falo perspectiva espiritual eu não quero dizer uma crença religiosa, eu não quero dizer uma devoção, nada disso, mas a simples consciência que o indivíduo tem de que acima dele existe um observador onisciente.

Quando o sujeito entende que existe um observador onisciente acima dele, ele entende que não será jamais esse observador onisciente, que não pode se converter n'Ele. O máximo que pode é permitir que Ele vá lhe revelando aos poucos aquilo que ele ignorava até sobre si mesmo. Então, na hora que o sujeito descobre isso, ele percebe que a busca de uma posição privilegiada, um posto privilegiado de observação, como fala o Burckhardt, é uma falácia, **[00:10]** é uma mentira existencial, não é uma coisa verdadeira — nós não estamos, jamais, acima de nós mesmos. Nós podemos comparar essa atitude burckhardtiana com a atitude de Santo Agostinho, onde o que ele busca é sobretudo a compreensão dele mesmo, não como ego transcendental, não como sujeito do conhecimento, mas como sujeito humano do mundo da ação, da incerteza, do pecado etc. Ou seja, Agostinho está falando do seu "eu" verdadeiro, do seu "eu" histórico, do seu "eu" temporal, não tem nenhum "eu transcendental" ali. Existe o narrador que é o autor da confissão, que é o homem que está se confessando, e acima dele existe o observador onisciente. Não tem nenhum "eu transcendental" funcionando como intermediário, não há um "eu" acima do "eu"; o único "eu" que há acima do "eu" é o "Eu" de Deus mesmo.

O "eu transcendental" é uma espécie de pseudo-deus que aparece a partir de um certo momento da História, obviamente com René Descartes. Descartes busca aquele ponto de apoio universal onde ele possa ter certeza absoluta; e ele acredita que encontra esse ponto de apoio na consciência da consciência. Eu digo: Olha! Bela porcaria a consciência que o indivíduo tem da sua consciência. Primeiro, porque ela não é permanente, ela se dissolve, ela se apaga cinco minutos depois. Segundo, quando o indivíduo acredita que ela é uma coisa permanente é porque ele está confundindo o seu "eu" verdadeiro, o seu "eu" histórico — que é o "eu" da narrativa —, com a definição abstrata do "eu" consciente, o "ego filosófico"; isto é, o "eu" do qual se fala nos tratados de teoria do conhecimento. Este "eu" como puro conhecedor de fato não existe, ele é apenas um papel que o "eu" histórico, concreto e biográfico do sujeito representa por momentos. E se tal indivíduo acreditar que este "eu" observador tem uma existência por si mesmo, ele está se enganando.

Ao longo da história do pensamento ocidental, nos últimos quatro séculos, nós vemos um crescimento desmedido da crença nesse "eu" observador que vive na "suprema beatitude do conhecimento" ou que desde dessas alturas comanda o processo histórico. Tudo isso é um processo de auto-divinização, na verdade. Eu reconheço que sem uma parcela dessa atitude não é possível nenhum estudo, sem o sujeito tentar se colocar um pouco acima do fluxo da realidade nada se fará, mas ele tem de compreender que isso é apenas um exercício temporário de uma posição existencial que não é real. Ela é apenas fictícia, ela é fingida, quer dizer, o sujeito finge que ele se coloca numa posição superior para observar melhor as coisas. Mas ele tem de saber que ele é como, por exemplo, aquele negócio do ex-ministro José Maria Alkmin sobre a

revolução de 1964. Telefonaram para ele querendo saber onde estava Minas, se estava de um lado ou de outro; e ele fala “Minas está onde sempre esteve.” Então, basta saber que o indivíduo está onde sempre esteve. E ele esteve exatamente no lugar histórico, temporal, concreto, onde se desenrola a sua miserável história pessoal com todos os seus temores, os seus fracassos, os seus preconceitos, as suas expectativas, as suas ilusões etc. E este é exatamente o terreno onde Jean Guitton diz que nós devemos cavar, como Agostinho cavou. Agostinho não procurou se colocar acima de si mesmo, mas, ao contrário, procurou mergulhar na realidade concreta da sua história pessoal sabendo que acima dele não havia nenhum “eu transcendental”, mas havia um observador onisciente que não era ele mesmo.

No século XX esta coisa do “eu observador” chega a um paroxismo, em uma escola esotérica ocultista do George Gurdjieff. Gurdjieff ensinava que o sujeito devia desenvolver ao lado do seu “eu cotidiano” — que ele considerava ilusório — um “eu observador”; esse é um termo da escola gurdjieffiana. O “eu observador” não participa dos acontecimentos, ele não toma partido, não decide, ele só toma nota do que está acontecendo, ele é totalmente neutro. E o Gurdjieff fazia disto não uma doutrina filosófica, mas uma prática. Quer dizer, as pessoas passavam anos se desidentificando de si mesmas e se colocando no ponto de vista de um “eu observador”. Ora, de tanto elas se identificarem com o “eu observador”, o “eu cotidiano” delas acabava se tornando irrelevante. E toda a autoridade era transferida para um ego que nada decidia, apenas observava. Qual é o resultado espiritual obtido com isso? A força de não tomar partido. Se o seu “eu superior” não toma partido e não decide nada, então é tudo absolutamente indiferente, ou seja, em poucos meses de prática o sujeito se tornava um indivíduo totalmente amoral e cínico. É isto que conseguia essa escola, este é o grande resultado espiritual obtido ao ponto que, se o sujeito tivesse que, digamos, matar a sua mãezinha, o seu “eu observador” observaria aquilo com a maior neutralidade. Esse pretenso exercício espiritual que supostamente iria elevar as pessoas, na verdade as estupidificava completamente e, ao mesmo tempo de estupidificá-las, lhes dava uma sensação de poder extraordinária, porque elas tinham se retirado para a esfera superior da “suprema beatitude do conhecimento”. Os acontecimentos humanos agora, para elas, eram tão neutros quanto a vida de um formigueiro ou uma comunidade de baratas. O sujeito começava a olhar não só ao seu “eu concreto”, mas os demais “eus” concretos como se fossem pequenas criaturinhas que se agitavam em um mundinho insignificante, enquanto ele pairava nas alturas da pura observação. Eu não posso negar que, sob este aspecto, Gurdjieff era um legítimo herdeiro de Kant e Descartes. Embora ele fosse um camarada que vinha do Oriente, ele estava levando às suas últimas conseqüências uma tradição filosófica ocidental.

Quando o estudioso se coloca do ponto de vista desse “eu superior”, “eu transcendental”, “eu observador”, ou qualquer porcaria dessa, o objetivo dos seus estudos, da sua vida intelectual, há de chegar a um conhecimento da objetividade do mundo tal como vista de fora e de cima. Só que acontece que este mundo tal como ele o vê, por definição, não existe. Porque esse sujeito na realidade jamais esteve na posição deste “eu observador”, este é apenas um papel que esse indivíduo está desempenhando. É uma das coisas curiosas do gurdjieffismo, o que precisamente Gurdjieff dizia aos discípulos: “Vocês têm

uma infinidade de “eus”, nenhum deles vale nada, tudo isso aí é ilusão”. Bom, tudo isso aí pode até acontecer, porém, o “eu observador” é certamente mais fictício do que todos eles, porque ele é criado premeditadamente, ele é um papel que o estudioso desempenha e passa a acreditar nesse papel. Ora, quando ele acredita que o seu verdadeiro “eu” é este personagem fictício que está lá nas alturas observando tudo e que aquele seu “eu histórico”, concreto, que decide, que sofre, que teme etc., é irreal, então aí é que esse indivíduo está no supra-sumo da irrealidade, porque ele está negando a sua própria substância da sua história. Este sujeito está totalmente alienado, ele está fazendo a anti-confissão.

Ou seja, enquanto Agostinho buscava penetrar no mais profundo na mente, na realidade da sua existência temporal histórica, **[00:20]** e confessar-se autor de seus atos mesmo mínimos, mesmo atos desconhecidos, mesmo atos puramente interiores — não puros pensamentos que ele tinha — e reunir tudo isso e dizer “eu sou isso, eu fiz isto, eu assumo a responsabilidade disso”, os kantianos e gurdjieffianos estavam negando tudo isso e dizendo, “eu sou um ser superior, eu estou observando tudo de cima, e toda essa miséria humana minha é irreal”. Isto tudo é uma fuga à condição humana e nós não podemos negar que isso aí tudo, no fundo, tem uma inspiração gnóstica, evidentemente.

A recusa da realidade, da condição encarnada, da condição histórica temporal humana com toda a sua fragilidade e miséria, é uma característica do gnosticismo. O gnóstico é um sujeito que não está agüentando o mundo então ele finge que esta acima do mundo. É um pouco na base de “senta que o leão é manso”. Você sabe a história, porque eu já contei aqui: como seus escrotos estão apertados entre duas tábuas você finge que nada está acontecendo, você não quer que as pessoas levantem para não espremer os seus bagos ainda mais, então você senta que o leão é manso. Você está se elevando à suprema beatitude do conhecimento, você está mostrando que você é superior a toda aquela correria, miséria e gritaria em torno. Eu me encantava com essas coisas quando eu era jovem. Encantei-me com Kant, com Gurdjieff, essa coisa toda. Encantei-me com místicas orientais, ioga etc. E hoje eu percebo que o coeficiente de alienação que existe em tudo isso é prodigioso. E, por outro lado, a atração que isto exerce sobre as pessoas pode ser uma das principais fontes de inspiração da vocação intelectual. Quer dizer, o sujeito vai estudar para ele se sobrepor a este rio de misérias, tormentos e sofrimentos humanos e se elevar à “suprema beatitude do conhecimento”. Desde logo, o princípio número um da ética da vida intelectual é: “cave onde você esta” — isto é uma fórmula de Jean Guitton. E quem nos deu a lição de cavar onde você esta é exatamente Agostinho, porque ele percebeu que a realidade da vida concreta por mais modesta, humilde e até humilhante que seja, é um negócio precioso, porque ela está acontecendo mesmo, ela é uma realidade, não é um pensamento que você teve. Mesmo os pensamentos que você pensou, você os pensou realmente. Uma coisa é o pensamento no seu conteúdo, outra coisa é um pensamento considerado como acontecimento da sua vida interior, “no dia tal, às tantas horas, eu pensei tal coisa”.

Essa coisa do Agostinho, de assumir a realidade concreta da sua vida pessoal biográfica temporal, é um tesouro para vida intelectual. Porque esta vida histórica biográfica temporal efetivamente aconteceu, ela não foi inventada,

então ela dá uma base de realidade. Você tem um material que não veio de você, que veio da realidade; ali você está pisando em terra firme. E isto vai ser mais tarde o critério de aferição de todos os conhecimentos. O que quer que você pense, creia ou imagine, mas que não tenha raiz nessa individualidade concreta, histórica, temporal, é falso. É falso porque não é seu, é um teatro mental que você está vivendo. Claro, o teatro mental é um dos grandes recursos do conhecimento humano. Eu mesmo recomendei que ao ler vários autores você os incorporasse como papéis que você está representando, um pouco de acordo com a técnica de Constantine Stanislavsky de você se identificar profundamente com o personagem, buscando os pontos de convergência entre os sentimentos seus e os sentimentos dele. Quer dizer: onde, quando e como você sentiu igual àquele personagem ou, se não sentiu igual, buscar um análogo. Eu mesmo recomendei isso, então eu sei que o teatro mental é um instrumento indispensável do aprendizado. Mas o teatro mental serve para alguma coisa desde que você saiba que é um teatro e consiga depois sair do teatro e voltar para casa.

Agora, se você fica lá e fica achando que de fato você é Aristóteles ou Platão, ou o autor que você está lendo, então você pirou. É como naquela história do Pirandello, que acreditava que era o rei Henrique IV e obrigava todo mundo a se comportar como se fosse a corte do Henrique IV; e os caras até acabaram acreditando, quer dizer, enganaram a si mesmos. Essa é a grande parábola do mundo moderno: o sujeito acreditou no seu teatro mental com tal intensidade que ele fez os outros acreditarem. O movimento ideológico de massas é exatamente isso: é uma pessoa maligna, doente, incapaz de suportar a realidade da sua própria miséria, que escapa para um mundo idealizado, teatral, e desempenha aquele papel com tal verossimilhança, com tal intensidade, com tal devoção, que faz os outros representarem aquilo mesmo, fugindo, portanto, da realidade das suas vidas. Por exemplo, quando você vê aqueles movimentos comunistas, aquela multidão de classe média alta e de classe alta tentando sentir proletariamente, falando “proletariado, proletariado, proletariado”, ora, não tem nenhum proletário lá, jamais! O próprio Karl Marx, pelo menos até o momento em que ele escreveu o *Manifesto Comunista*, ele nunca tinha visto um proletário. Engels sim, porque ele via o proletário da posição do burguês, ele era um industrial, ele tinha empregados. Karl Marx não tinha nem isso, ele não tinha visto o proletariado nem do ponto de vista burguês, ele não conhecia nenhum proletário, era tudo inventado.

Então você está convidando as pessoas a participar do seu teatro mental. Este ato mental pode trazer para a pessoa uma consolação, uma segurança, um sentimento, uma ilusão de sentido da vida. Pode trazer um monte de coisas, e tudo isto é como uma droga ou pior do que uma droga. Se você cheirar cocaína não é tão grave quanto isto, porque isto é como uma espécie de arrebatamento, você é arrebatado para o sétimo céu da beatitude do entendimento e você vira uma espécie de Deus. Tudo isso é fake, tudo isso é falso e é infinitamente ridículo, e isto é a fonte da pseudo-vida intelectual que nós temos. Toda pessoa que entra numa universidade, a primeira coisa que ela recebe é um convite para ela ser arrebatada para este mundo superior. Então, não é de estranhar que a própria linguagem dessas pessoas adquira, logo no começo — por uma espécie de impregnação, por uma espécie de osmose

verbal —, aquele estilo pedante, meio rococó com que falam, por exemplo, os professores da USP. Todos falam assim, todos falam igual. Por que eles têm de falar assim? Porque essa linguagem é necessária para manter a ilusão do “eu transcendental”. Nós nos arrebatamos todos para um outro plano, nós somos agora, por assim dizer, a classe revolucionaria, nós somos o novo “Príncipe” do Maquiavel, em suma, nós somos o “Imbecil coletivo” e nós nos achamos lindos uns aos outros, e desde essas alturas nós podemos passar a vida como, por exemplo, Roberto Mangabeira Unger. Você vai ver se você ler os livros do Mangabeira Unger. Os primeiros eram bem escritos, depois, os outros, eu não gosto não. Eu nunca li uma linha do Mangabeira Unger que se referisse a nada,; ele só fala do dever ser, daquilo que ele acha que o mundo tem de ser. O mundo como é nunca interessou a ele, então o Mangabeira Unger já é um caso extremo, já é um caso patológico de **[00:30]** arrebatamento para o sétimo céu dos beatos do entendimento. Para ele já nem existe mais realidade, só existem os ideais do Mangabeira Unger, aos quais este mundo mal não se curva, lamentavelmente.

Eu compreendo o atrativo que isso exerce sobre as pessoas, mas, ao mesmo tempo, eu sei que daí não vai sair nada que preste.

É dentro dessa seqüência de explicações que nós podemos aproveitar aqui uma pergunta:

Aluno: É possível fazer um paralelo entre tentativa de fuga da realidade do indivíduo inserido na perspectiva gnóstica, mesmo assumindo a ótica pós-vida e a esperança futura prometida por Deus aos que têm fé?

Olavo: Claro que é possível fazer esse paralelo, porque uma coisa é uma espécie de caricatura da outra, é uma espécie de ampliação caricatural. Nas últimas semanas eu tenho estudado muito aqui com a ajuda da Isabela o fenômeno do milenarismo, que é um elemento importante da formação da mentalidade revolucionária. Como a gente está envolvido nessa pesquisa faz tempo, então temos que tirar uma série de dúvidas a respeito do fenômeno milenarista. O milenarismo é a expectativa ou a esperança de um reino futuro, de paz, ordem e justiça a acontecer quando da vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo ou, por exemplo, da perspectiva islâmica, quando da vinda do Mahdi. Mahdi quer dizer “o esperado”, o grande governante islâmico que vai botar ordem no mundo e inaugurar uma espécie de Estado mundial islâmico onde reinará a justiça, a ordem etc.

O milenarismo é um fenômeno muito antigo na humanidade. Antes do cristianismo já existia isso no quadro judaico; toda a religião judaica de certo modo é milenarista, só que é um milenarismo específico, há uma promessa milenarista ali para o povo judeu, não tem sentido você extrapolar essa promessa para o mundo inteiro. Mas acontece que a partir de certa época os elementos milenaristas acabaram entrando dentro do cristianismo. Houve duas fases do milenarismo cristão: a) primeiro do século I ao século IV, depois vem o próprio Agostinho e bota um fim nesse negócio; b) e depois isso reaparece, muitos anos depois, quando a autoridade do papado começa a se decompor, principalmente após a transferência do papado para Avignon. Aquilo lá foi uma verdadeira desgraça, Roma foi invadida e aquilo lá virou um

verdadeiro puteiro. A Igreja estava muito desmoralizada e começa a aparecer uma série de movimentos rebeldes de dentro e de fora da Igreja, sem contar pressão do invasor islâmico por fora. Nesse quadro ressurge a esperança milenarista, todo mundo começa a ficar louco por algum motivo, todo mundo tem algum problema e começa a projetar um futuro maravilhoso. Por exemplo, os judeus quando foram expulsos da Espanha imediatamente começam a sonhar um outro mundo maravilhoso, já que está tudo neste mundo e está tudo uma porcaria mesmo, então deve ter um mundo milenarista que vem depois.

A Igreja Católica sempre foi explícita em condenar a especulação milenarista baseada naquele texto que eu citei de Atos dos Apóstolos, capítulo 1, versículo 7, onde Jesus Cristo diz explicitamente “Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder”. Ora, medite um pouco: se você não sabe quando a coisa vai acontecer, você não sabe qual o contexto histórico ela vai acontecer, e se você não sabe qual o contexto histórico dela, você não sabe a significação dela, ou seja, você não sabe nada, zero. Então, qualquer especulação a respeito do fim dos tempos está formalmente proibida. E o que quer dizer essa proibição? Isso é um elemento maravilhoso, se você pensar bem. Muitas pessoas reconhecem da boca para fora a limitação dos conhecimentos humanos. Kant, por exemplo, reconhecia, todos os filósofos modernos sempre falam dos limites do conhecimento humano, mas isso é tudo *flatus vocis*, não é um reconhecimento efetivo. Outro exemplo: o pessoal praticante da ciência moderna sempre fala: “os nossos conhecimentos são limitados etc.”, mas eles entendem a limitação do conhecimento humano primeiro como se fosse uma deficiência da realidade, e uma deficiência é uma anormalidade. Claro, nós podemos considerar uma anormalidade do ponto de vista metafísico tendo em vista a doutrina do pecado original, mas não é nesse sentido teológico que ele fala, é num sentido histórico temporal. Quer dizer, os nossos conhecimentos são deficientes, mas nós estamos caminhando para a perfeição do conhecimento. Ainda que não a alcancemos jamais, o normal era termos alcançado o conhecimento universal, mas nós não temos, infelizmente — por uma limitação nossa, ou por uma limitação determinada pelo pecado original ou determinada pela revolução das espécies, pela nossa genética ou por algum outro fator desastroso — , o conhecimento universal. “É uma pena, mas nós estamos fazendo o possível para suprir essa deficiência e ao longo de um prazo histórico não definido nós acabaremos resolvendo todas estas questões.”

Esta visão é totalmente alienada, porque a limitação do conhecimento humano é inerente à limitação da vida humana. De que serviria um conhecimento infinito para um ser que tem uma duração finita? Não faz sentido. Um conhecimento infinito supõe uma forma de existência infinita, então o conhecimento total supõe uma existência infinita. Não somente a vida eterna humana, note bem, porque mesmo dentro da religião cristã a promessa da vida eterna não diz que você vai saber tudo, diz que você vai ver Deus, não que você vai ser Deus. Então é possível que após a morte você fique sabendo alguma coisinha a mais, mas não tudo. Mesmo na perspectiva da vida eterna você não vai saber tudo, quanto mais nessa vida aqui.

Outra coisa, quando as pessoas apostam no progresso do conhecimento, no progresso da ciência, e descrevem a estrutura da evolução cultural como se fosse uma caminhada em direção ao conhecimento universal e perfeito, elas esquecem o seguinte: elas vão morrer. Então quem é esse “nós” que vai ter o conhecimento universal e perfeito? A humanidade não conhece nada, só quem conhece são os indivíduos humanos. Quando eu estudo, o meu vizinho não aprende nada necessariamente com isto. Saber alguma coisa é saber algo que os outros não sabem. Portanto, não existe este “nós” (humanidade) que vai saber tudo, ou que vai saber mais. Quando o cientista amanhã, **[00:40]** ou depois, souber mais do que o cientista que vive hoje, este cientista de hoje estará morto, ele não saberá mais do que ele sabe hoje. Então, esta idéia do conhecimento humano que está crescendo é uma ficção, é uma figura de linguagem na qual as pessoas acreditam. Esta é uma fuga da estrutura da realidade.

Quando Cristo diz: — Não é para vocês saberem “o fim”. Ele não está dizendo que vocês não devem saber o fim. Ele está dizendo que vocês não sabem mesmo. Está dizendo que a impossibilidade humana de obter um conhecimento total não é uma falha de humanidade, é um elemento constitutivo da própria ordem da realidade. A finitude e limitação dos nossos conhecimentos não é algo a ser vencido, é algo a ser assumido. E não assumido com aquele ar de desgraça — “Ah! Que pena, os nossos conhecimentos são tão limitados, nós nada sabemos além da nossa experiência...” — como Kant. Não é isto. Esta limitação é a estrutura real da nossa existência. É ali que nós estamos. É ali que você vai cavar. Isso mostra para você que o elemento do desconhecido e do mistério está presente permanentemente na estrutura da existência.

Se você tem a expectativa de que vai alcançar a iluminação geral que lhe revelará tudo, você se priva de conhecer um dos elementos fundamentais da estrutura da realidade que é a presença do mistério. O mistério não está totalmente fechado. Ele se abre de vez em quando e deixa você ver um pouquinho. Este pouquinho é precioso, mas você se priva deste pouquinho se você quer ter tudo. Se você, mesmo reconhecendo a limitação do conhecimento humano, entende esta limitação como se fosse uma privação, como se fosse um defeito, como se fosse algo a ser vencido, você fugiu da estrutura da realidade. Os momentos de abertura que o mistério lhe oferece serão perdidos. O que são estes momentos de mistério? Estes momentos de mistério não são necessariamente revelações no sentido religioso. São simples aberturas para você compreender aspectos da realidade que são pertinentes à sua vida e ao seu destino. E são aberturas que permitem a você instalar-se na estrutura da sua vida com um realismo terrível. Permite a você saber onde você está, o que você está fazendo ali e o que você pode esperar no instante seguinte, só no instante seguinte, não amanhã, ou depois.

Esta espécie de antecipação — na aula passada eu falei da antecipação pelos sentidos — que é baseada em um conhecimento não-verbal, por assim dizer, em um conhecimento por presença, é um elemento sem o qual você não pode se orientar na realidade. É isto o que você perde quando você quer voar para as alturas do “eu transcedental”, ou quando você aposta na perfectibilidade infinita do conhecimento humano, ou quando você lamenta, ou fala das

limitações do conhecimento humano como se fosse um defeito e não um dado da própria realidade.

A finitude do conhecimento humano é um dos pilares sobre os quais é constituída a nossa própria existência. Então o importante não é vencer o desconhecimento, mas encontrar o *modus vivendi* com o mistério que lhe permita ter uma reação adequada ao mistério e, portanto, obter o coeficiente de luminosidade que você precisa naquele momento e naquele lugar para você poder agir, pensar, conhecer e decidir responsavelmente. Isto é o máximo que o ser humano pode alcançar e não a suprema beatitude do conhecimento. E aí, novamente, o nosso mestre é Agostinho. É a filosofia baseada na confissão da sua condição real. O resto é fuga da realidade. Pode ser gostoso como teatro, pode lhe dar uma impressão de beatitude, mas é tudo falso. Então, a diferença – eu não digo que esta atitude seja sempre de inspiração gnóstica, não. Existem muitas inspirações. Por exemplo, Santo Irineu, que escreveu um livro clássico contra as heresias, era um milenarista. Os elementos que vão contribuir para a confusão revolucionária dos tempos modernos aparecem dos lugares mais imprevistos. O maior inimigo das heresias fomentou uma coisa que em si mesma não é herética porque não forma uma doutrina total, mas é um elemento originador de muitas heresias. Esta perspectiva milenarista é justa e está integrada na realidade, se você entende que, primeiro, você não sabe o que é o fim do mundo, não sabe o que é o segundo retorno do Cristo, você não sabe e não vai saber jamais. E não adianta especular. A única atitude realista é você entregar-se a uma inteligência infinita que sabe o que está fazendo e que não lhe contará o que fazer. Se você abdica de especular estas coisas, a realidade começa a abrir-se para você. Você não vai saber o fim do mundo, você não vai transcender a sua condição, mas você vai entender a condição humana, tal como ela é, de fato. Você vai cavar onde você está. Quer dizer, onde está o petróleo? Onde está a riqueza? Está aí onde você está.

A técnica é a do Agostinho. A confissão é falar a realidade, é aceitar a condição humana na sua plenitude, onde tudo é precioso, inclusive os detalhes mais irrisórios, os pecados, misérias etc. Tudo isto é precioso, porque é a realidade. Uma vez, uma aluna minha que era muito bonita, chegou e disse: “Ora, estou cansada de ser admirada pela minha beleza, eu quero ser admirada pela minha inteligência, pelos meus conhecimentos, etc., etc.” Eu disse: minha filha, isto é vaidade sua. Por quê? Porque todas estas porcarias que você pensa é você que está inventando, ao passo que a sua beleza foi feita por Deus. Se eles admiram você pela sua beleza, estão admirando uma obra divina. Agora, você quer concorrer com Deus; falar que o que Deus fez não presta, o bom é o que eu inventei. Então você pára com isso. O bom é quando você olhar no espelho de manhã, pedir a Deus que lhe dê uma personalidade pelo menos digna desta beleza. É ao contrário, é a beleza que tem que servir de guia, porque ela é um dado da realidade, ela não é um pensamento seu.

Então, o Marcos Mariz fez a pergunta. Naturalmente, esta não é só a resposta à pergunta, é a continuidade natural da exposição que eu estava fazendo antes. A pergunta serviu apenas de pretexto. A diferença entre esta perspectiva gnóstica e a perspectiva normal da esperança cristã é que essa esperança cristã sabe que não sabe nada. Ela sabe que ela não sabe como são as coisas e o saber que não **[00:50]** sabe é fundamental, porque é só você

meditando continuamente na presença do mistério, do desconhecido e do incognoscível é que você pode se abrir para o cognoscível. Você vai perceber a diferença entre ignorar e saber.

Muitas pessoas perderam atualmente até o sentido do que é a certeza imediata, do que é evidência imediata. Elas não têm mais isso. Elas estão de tal modo confundidas em uma rede de argumentos e pensamentos que não são capazes mais de confessar o que sabem. Mas olha que coisa preciosa: aquilo que você efetivamente fez e que ninguém mais sabe que você fez, que só você sabe, ainda que seja um monte de pecado, ainda que seja um monte de merda é a realidade, não é um pensamento seu. Este é um ponto firme onde você pode se agarrar. E ali você adquire o senso da certeza, o senso da evidência, o senso do imediato, que é a base de todos os conhecimentos possíveis. Você pode medir a confiabilidade dos conhecimentos conforme eles se aproximem ou se afastem deste legado, por assim dizer, autobiográfico que cada um de nós tem. Mesmo que este legado seja constituído só de porcaria. Vocês vão dizer: "olha, passei a minha vida aí tomando pico, roubando, matando, estuprando, fazendo um monte de merda". Eu digo: Ah, é? Muito bem! Esta história é preciosa porque você sabe que isto é real, e você não pode fugir desta história porque é a única que você tem. É claro que se esta história tiver bons momentos é melhor do que se constituir só de porcaria, mas mesmo que seja consituída só de porcaria — o que aliás não existe, ninguém tem uma vida tão ruim assim —, [ela também é preciosa.] Por exemplo, quando as pessoas reclamam de seus pais: "Ah, meu pai me abandonou..." Por pior que seja o seu pai, ele fez uma coisa por você que você não poderá fazer, ele gerou você. Então, no mínimo esta gratidão você tem que ter, "o cara fez algo por mim que eu jamais poderia fazer". Então, vamos dizer, este é um dado da realidade. Então a sua história também é este patrimônio de dados da realidade que você não pode negar.

Por exemplo, quando você estuda História, Ciências Sociais, Ciências Políticas, qualquer coisa, você deve se perguntar a si mesmo: estas coisas que eu estou pensando, acreditando, a partir do que eu li, estudei; eu as conheço com certeza, como conheço a minha própria história? Se eu não conheço, não tenho este grau de certeza, então eu tenho um grau menor de certeza. E aí você pode aplicar aquele critério que está na apostila: "*Inteligência, verdade e certeza*", que é o da gradação dos seus conhecimentos. E a partir da hora que você tiver esta gradação, aí você se tornou um estudioso responsável. Porque quando você acredita que sabe algo, você sabe se sabe aquilo com a) certeza imediata e evidência, b) com alto grau de probabilidade, c) com verossimilhança ou d) só como especulação de possibilidade. E se você não sabe distinguir estes quatro, se você não sabe que aquilo que você sabe é certo, razoável, verossímel, ou meramente possível, então você não sabe nada a respeito. A gradação da confiabilidade do conhecimento é básica para a ética da vida intelectual. Agora, o critério da confiabilidade, o critério da credibilidade não é dado por nenhuma certeza cartesiana tipo: penso, logo existo. Não é nada disso. É dada pela confissão do que você já sabe, principalmente daquilo que só você sabe, porque aí você não tem para quem perguntar e se você não tem para quem perguntar, você não será escravo de pretensas autoridades externas, você é o único juiz. Só tem você e quem mais? O observador onisciente, o próprio Deus que, se você confessa o que sabe, Ele

te ensinará mais alguma coisa que você não sabia. Cada vez que você admite a estrutura da realidade tal como ela é, cada vez que você cava onde está, o que acontece? Uma parte daquele imenso reservatório do conhecimento por presença sobe à sua consciência e você fica sabendo algo mais. Estão entendendo? Estes são princípios do método. Claro que isto aqui já é uma exposição propriamente filosófica, mas não feita como exposição filosófica, como exposição teorética, e sim feita como, vamos dizer, conselhos, como regras práticas. Então, quando — no começo do curso — eu pedi a vocês aquele exercício do necrológio, é porque a figura do eu ideal é a unidade de medida com que você mesmo vai medir o que você sabe a seu respeito. O eu ideal foi sugerido para servir de unidade de contraste em relação à sua biografia real. O contraste sempre torna tudo nítido. A mente humana sempre pensa por pares de opostos. Ela é eminentemente dialética. Deus não é dialético, mas nós somos.

A diferença entre a esperança cristã e a fuga gnóstica da realidade é que o gnóstico foge para uma dimensão superior onde ele acredita que vá ter o conhecimento universal, ele acredita que vá ver as coisas desde um ponto de vista divino. Ao passo que, notem bem, quando Jesus diz que você não vai saber o futuro e, ao mesmo tempo, ele dá aquele conselho: “carrega a tua cruz. Pega a tua cruz e segue-me.” Não é isto o que ele diz? Ora, esta cruz significa o quê? Entre inúmeros outros significados — o simbolismo da cruz é uma coisa inesgotável —, a cruz simboliza o cruzamento das condições de espaço, tempo e número que nos limita, nos define. Ou seja, a realidade da nossa vida neste momento, neste preciso lugar, onde nós devemos cavar. É o conjunto das condições reais que nos determinam e faz com que sejamos o que somos. O carregar a sua cruz é às vezes definido como você arcar com os seus pecados, e arcar com os seus pecados é contar a sua história. Você pode não contar a sua história se você contar só os pecados, porque senão falta o elemento de contraste. Se você chegar para você mesmo diante de Deus dizendo “eu sou o maior pecador do Universo” você vai estar exagerando, mentindo, você sabe que você não é. Você não é um genocida, você não é um estuprador, você é um pecador vulgar como qualquer outro. Seus pecados não são piores que os meus ou os do vizinho, são uns pecados medíocres, idiotas. E nem esta vaidade de ser um grande pecador você pode ter. Se você começa a exagerar muito os seus pecados, você cai naquilo que Agostinho fala: nada agrada mais aos diabos do que você aumentar o poder deles, do que você inflar o poder deles. Eles não são tão poderosos assim. Eles não lhe dominam 100%. Eles dominam um pedacinho, quando você está distraído. Às vezes dominam por dias, por meses, por ano, mas nunca dominam totalmente, nunca dominam 100%, porque senão acabaria a dialética, acabaria o conflito. Aquele gênero de teatro medieval, os Autos, sempre mostrava a alma, o diabo e o anjo. A alma está sempre nesta tensão. Ela nunca se define por um lado, nem por outro. **[01:00]**

Esta tensão é que você tem de confessar, e buscar cada vez mais a linguagem exata. A linguagem exata é aquela na qual você pode falar com o observador onisciente — prestem atenção, isto aqui é muito importante! —, porque ela é que vai lhe dar a medida estilística, por assim dizer. Se você sabe que tudo o que você disser o seu ouvinte já sabe, e sabe mais do que você, você precisa falar as coisas com uma exatidão e com uma sinceridade integral. E este é o

segredo da tremenda força do estilo de Agostinho, como do estilo de São Paulo Apóstolo também. São grandes escritores, enormes escritores, dos mais fortes que a humanidade já conheceu. Então, tudo isto baseado nesta coisa de que eles não vão falar com a voz de um “eu transcendental”, ou seja, de um “eu superior”, eles não vão falar com a voz de Deus, mas vão falar com a sua própria voz para Deus. Eles não estão brincando, eles estão fazendo uma coisa verdadeira que os instalam na realidade de suas próprias vidas. Note que a aquisição de estudo, leitura, erudição etc., se ela é separada disto [do que é feito por Santo Agostinho e São Paulo Apóstolo], ela se torna uma doença, uma forma de loucura, onde você não se interessa mais pela realidade, mas só se interessa por enigmas lógicos que você mesmo inventou ou que copiou de outras pessoas. Eu vou dar um exemplo para vocês, essa questão que as pessoas vivem levantando do determinismo e livre-arbítrio. Eu vou confessar uma coisa: eu odeio essa questão. Eu odeio isso com todas as minhas forças. Por quê? Muito bem, vamos ver como é que a gente trata disso e aqui eu vou dar um exemplo breve, pois mais tarde eu vou voltar a este assunto com mais detalhe.

Como é que a gente trata uma questão com a verdadeira técnica filosófica? Se você está seriamente empenhado em filosofia — como eu suponho que vocês todos estejam e os que talvez entraram com a perspectiva errada, o que pode acontecer, aos poucos vão entender como é que funciona o negócio e vão adotar a perspectiva verdadeira e eficiente — então, vocês não podem aceitar qualquer questão. Porque existem questões que são colocadas para você como enigmas e como pegadinhas. E quem gosta disto é o diabo. O diabo gosta de colocar para você questões que não têm saída, nas quais você fica atrapalhado. Então você fica louco para encontrar uma resposta e vai correndo atrás da resposta como um cachorro no qual tivessem amarrado uma salsicha no rabo dele e ele ficasse correndo atrás. Podemos ver pessoas correndo atrás da salsicha faz séculos.

O verdadeiro espírito filosófico não joga com conceitos abstratos, na verdade ele quer criar conceitos para descrever ou explicar a realidade da experiência, a realidade da vida humana. Ou seja, quer cavar onde está e não em uma altura teorética hipotética aonde você obtém uma resposta final sobre uma questão metafísica, como no caso do determinismo e livre-arbítrio; isto é teatro mental! Se vocês lerem os diálogos de Platão verão que Sócrates está continuamente trazendo as pessoas de volta desde a altura de onde elas criam suas opiniões para a realidade do que elas efetivamente sabem. Às vezes até mostrando que elas sabiam mais do que imaginavam, que estavam curtindo um falso conhecimento inventado, construído, e que se, na verdade, procurassem dentro de si mesmas, encontrariam mais conhecimento simplesmente pelo método da confissão, como ele faz no diálogo Mênon, com o escravo analfabeto. Eu não sei se o exemplo que Platão inventou ali é totalmente adequado, ao mostrar que o escravo sabia algo de geometria, mas é uma imagem, uma figura de linguagem significando que tem muita coisa que você já sabe, basta você declarar as coisas como elas são e você vai descobrir que tem um depósito de conhecimento enorme. Ou seja, não precisa inventar, não precisa criar, não precisa construir nada. Mas quando vem alguém e lhe coloca estas pegadinhas como, por exemplo, no caso do determinismo e livre-arbítrio, o que você tem de fazer é o seguinte: deixa eu ver se entendi bem o

que você quer dizer com esta coisa. Ou seja, vamos pegar esta dupla de conceitos e tentar aplicá-los à realidade da experiência, tal como eu a conheço para ver a que se referem na verdade.

Então, o determinismo e livre-arbítrio, das duas, uma: se você tem de escolher um deles é porque você os está tomando como absolutos, ou seja, é o livre-arbítrio total ou o determinismo total. Ora, se esses conceitos são absolutos, eles só podem se aplicar a seres que têm esta dimensão absoluta. Então perguntemos: existe determinismo e livre-arbítrio em Deus? No infinito? Deus pode ser livre ou pré-deteminado? Bom, por um lado, podemos dizer que Ele já sabe tudo o que vai acontecer e tudo o que Ele vai fazer, pois Ele é onisciente e, portanto, Ele já sabe tudo. Então poderíamos dizer que Ele está pré-determinado. Porém, eu digo: Ele está pré-determinado por quem? Se nada o pré-determinou, Ele não pode estar pré-determinado! Não é porque Ele decidiu fazer tal ou qual coisa, que você pode dizer que Ele está pré-determinado. Ele não está pré-determinado, Ele está determinado, Ele está decidido. Por outro lado, Deus pode ser livre? Eu pergunto: livre do quê? Existe um elemento externo que possa coagí-Lo? Não! Então Ele não pode nem ser prisioneiro nem livre, ou seja, estes conceitos não se aplicam. Assim, de cara tiramos, excluímos esta dimensão. Conceitos de determinismo e livre-arbítrio não se aplicam a Deus e, portanto, não podem ser tratados nesse nível.

Tentemos agora aplicá-los aos seres humanos. Vejamos se um determinismo absoluto ou uma liberdade absoluta podem ser concebidas em função da realidade dos seres humanos tal como ela se apresenta na nossa experiência. Se eu tivesse uma liberdade absoluta, eu faria o que eu bem entendesse e nada poderia me limitar. Ou seja, os seres em volta estariam todos pré-determinados por mim. Então, a minha liberdade absoluta traria o determinismo para todos os outros, estariam todos ferrados. Se existe um ser humano absolutamente livre, ele é o único. Não pode haver dois seres humanos livres. Portanto, o conceito da liberdade absoluta está fora de cogitação. Se, por outro lado, eu estivesse totalmente pré-determinado, os meus pensamentos também estariam pré-determinados e não haveria possibilidade de eu me colocar alternativas; se eu estou pré-determinado, os meus conhecimentos também estão pré-determinados; estão pré-determinados todos, desde já, e eu tenho em mim o conjunto de todas as pré-determinações que me definem. Portanto, eu tenho de tê-las não somente no meu ser, mas também no meu conhecimento. Então se eu fosse totalmente pré-determinado eu não poderia colocar esta questão. **[01:10]**

Então, lembremos: primeiro excluímos o determinismo e livre-arbítrio do plano divino, não se aplicam a Deus e, tomados como conceitos absolutos, também não se aplicam a mim. Agora eu vou lhes dar um exemplo: você se apaixonou pela fulaninha, você quer pedi-la em casamento e você sabe que ela está apaixonada por você; sabe porque você não é nenhum idiota, já percebeu o negócio. Então você vai pedi-la em casamento e sabe que ela vai aceitar. Ela fez isso por determinismo ou por livre-arbítrio? Ela está totalmente livre? Não. Se ela estivesse totalmente livre, ela poderia mudar cem por cento em um instante sem nenhum motivo. Ela está totalmente pré-determinada? Não. Porque senão o “sim” que ela vai lhe dar não teria valor para você, que nem a

pediria em casamento. Então, esta simples situação humana — uma situação elementar que todas as pessoas casadas passaram pelo menos uma vez na vida, os divorciados também, os viúvos também, quase todo mundo passou por isto e quem não passou ainda vai passar, espero que passem pelo menos — não pode ser descrita em termos de determinismo e livre-arbítrio. Ora, se existe uma situação humana, uma única, que não pode ser descrita em termos de determinismo e livre-arbítrio, muito menos o poderá a totalidade da condição humana. Então, eu queria saber quem foi o filho-da-mãe que inventou este problema: inventa dois conceitos extremos e absolutos, e joga isto pra você e quer sua escolha. Se você escolher um está errado, se você escolher o outro também está errado, se você escolher uma mistura dos dois também está errado, porque uma mistura os anularia automaticamente. Se você disser "nós somos meio determinados e meio livres", você não disse nada, não preciso explicar muito isso. Vocês são inteligentes e entenderam que um sujeito que é meio determinado e meio livre, não é determinado nem livre e sim uma terceira coisa que você não sabe explicar o que é. Muito bem, é esta terceira coisa que interessa. E esta terceira coisa é a realidade da condição humana com toda a sua complexidade. Um alerta: existem centenas de conceitos filosóficos que são só pegadinhas, que são fugas da realidade, você não pode descrever a realidade com eles. Assim eu pergunto: se você não pode descrever a realidade nestes termos, para que usá-los?

Existe um diálogo platônico maravilhoso, O Crátilo, em que as pessoas discutem se as palavras e os signos verbais são arbitrários ou se são naturais. Uns, "antepassados" de Ferdinand de Saussure, dizem que todos os signos são arbitrários. Outros são "antepassados" do Fabre d'Olivet e dizem que os signos são naturais, o som expressa a natureza das coisas etc. Eles discutem aquela coisa e Sócrates, no fim, diz o seguinte: supondo-se que as palavras e signos expressem a natureza das coisas, é porque alguém percebeu essa natureza e lhes deu nomes — criou nomes apropriados à natureza das coisas. Mas por que eles não poderiam se enganar? Então, mesmo supondo que os sons fossem naturais, alguém teve de captar esta relação entre a natureza dos seres e o som, e dar nomes apropriados às coisas; mas eles podem ter se enganado, nada me garante que eles sempre acertaram. Tanto que se você cavar profundamente essas etimologias esotéricas, você verá que esses nomes antigos que expressam a natureza das coisas, expressam isto só parcialmente, eles só expressam um aspecto da coisa porque eles são símbolos. Eles são apenas símbolos. Então, se são convencionais, são símbolos; se são naturais, também são símbolos. Então o que importa isso? O que importa é você tentar conhecer a efetiva natureza das coisas, e não saber se as palavras as expressam ou não expressam, as expressam por convenção ou, vamos dizer, por uma espécie de transposição da natureza das coisas.

Ali você tem um exemplo maravilhoso da técnica filosófica: como é que ela tira você de uma falsa alternativa e te traz de volta para a realidade das coisas. Por exemplo, tem aquela lenda de que Adão deu nome às coisas. Eu digo: "Eram nomes verdadeiros mesmo? Você tem certeza que Adão acertou em tudo? E você tem certeza que quando Adão nomeou alguma coisa, segundo a natureza, aquela coisa tinha somente aquela natureza ou tinha as várias naturezas superpostas?" Veja, nenhum ser efetivamente existente se reduz à sua natureza tal como aparece na sua definição. Eu já expliquei isso em outras

aulas, nós voltaremos a esse assunto com muito detalhe mais tarde. Mas, se as coisas se reduzissem às suas essências, elas não poderiam estar em lugar nenhum, fazendo nada, e ter qualidade nenhuma, seriam apenas definições ambulantes.

Por exemplo: você dá a definição de vaca. Eu digo: “Mas a definição de vaca não está em lugar nenhum e toda a vaca que existe está em algum lugar: ou ela está no estábulo, ou está no pasto, ou está na exposição de animais, ou invadiu o seu jardim e está comendo as roupas do seu varal. Alguma coisa ela está fazendo e está em algum lugar”. Isso não está na definição, isso são elementos ditos acidentais. Então a acidentalidade é um componente essencial da realidade. Se os nomes todos dissessem a natureza das coisas, nós não poderíamos falar das acidentalidades, nós seríamos um verdadeiro tratado de lógica que falaria só de essências abstratas, e não de realidades espaço-temporais. Então é impossível que todos os nomes traduzam a natureza das coisas e é impossível que todos os nomes sejam absolutamente convencionais. Ou seja, essa questão da convencionalidade ou da naturalidade, essa questão não se coloca: ela é uma alternativa artificiosa concebida por algum desocupado para manter a humanidade ocupada em masturbação mental.

Então é necessário que não só os seus conhecimentos positivos nasçam da experiência verdadeira, mas até as perguntas têm de nascer da experiência e têm de se legitimar na experiência e têm de provar que têm importância efetiva, e que não são só um jogo mental, elegante o quanto seja. E o modo de fazer isso é sempre a mesma técnica da confissão. Neste caso, você pode obter alguma coisa perguntando: “De onde foi que eu tirei essa idéia?” Ao longo de trinta anos de experiência, eu garanto para vocês: todas as vezes que eu fiz esta pergunta a alguém — “de onde você tirou essa idéia?” — a pessoa me respondia com um argumento em favor da idéia. E daí eu dizia: “Mas não é isso que eu estou perguntando, eu estou perguntando da onde você tirou, como isto veio parar na sua cabeça. Onde, pela primeira vez, você teve notícia dessa idéia: foi alguém que lhe falou, foi um livro que você leu? Qual foi o contexto real onde aquilo lhe apareceu e qual é a história que essa idéia teve dentro da sua mente?” E daí as pessoas não sabiam responder. “Mas, escuta, se você não sabe a história da presença de uma idéia na sua própria mente, você não sabe nada a respeito dessa idéia, aquilo é apenas uma palavra deslocada da condição real, deslocada do contexto histórico, cultural, psicológico, **[01:20]** real de onde ela apareceu”.

Por exemplo, se você perguntar de onde apareceu essa questão de determinismo e livre-arbítrio, você verá que ela jamais aparece da sua experiência pessoal. Jamais, ao tomar uma decisão ou fazer uma escolha, você se pergunta se essa escolha é pré-determinada ou se você a está inventando na mesma hora; ninguém faz isso jamais. Você só pergunta pelo determinismo e livre-arbítrio quando chega algum teólogo, algum filósofo, algum pentelho lhe forçando, botando essa camisa-de-força em você, e daí você: “É, agora também não sei mais”. Não se pode estudar filosofia na base desse tipo de pergunta artificiosa. E aí fica sempre a lição de Sócrates. Sócrates nunca caia nessas pegadinhas, quando faziam essa pergunta, ele falava: “Não sei. Não sei, e o problema não é esse; não sei, e não é da minha conta; e estou ocupado com coisa mais importante, eu estou ocupado em descobrir o que eu

verdadeiramente sei a partir da experiência que eu realmente tenho". Sócrates fundou a filosofia do Ocidente, quer dizer, ele é o pai de nós todos e é o modelo. Você tem muita coisa para aprender com ele e esta é uma das principais: a filosofia não é uma especulação entre conceitos e juízos abstratos que requeiram a sua habilidade lógica, ela não é isto, a filosofia é "cavar onde você está"; ela não é a busca de um conhecimento total universalmente válido, jamais! Ela é a busca de um esclarecimento suficiente para a sua própria orientação na realidade.

Então ainda dentro da pergunta do aluno, de certo modo a resposta já está dada na própria pergunta. Porque uma coisa é você escapar da realidade da sua vida concreta para uma dimensão de suposto conhecimento universal e outra coisa é simplesmente você confiar numa promessa divina que você não sabe nem como, nem quando, nem onde, nem como será realizada. Você pode confiar ou pode não confiar. A maior parte das pessoas confia precariamente; confiam mas de vez em quando ficam com medo — isso é normal da vida. Então o máximo que nós temos, vamos dizer, é esta promessa. O sentido da promessa pode se elucidar um pouquinho na medida em que você se atenha à via da confissão. Quando você confessa o que sabe e o que não sabe, você fica sabendo um pouquinho mais. Esse pouquinho é suficiente para esclarecer aquilo em que você está metido naquele momento: pode ser uma questão puramente existencial, pode ser uma questão prática e pode ser uma questão teorética, uma questão de investigação — como esse negócio, por exemplo, eu estou investigando, essa coisa da mentalidade revolucionária; todo dia eu descubro mais coisa, coisa que eu não esperava.

Agora, por que eu estou investigando isso? Por que eu quero saber o mistério da História? Por que eu quero criar uma filosofia da história que nos oriente na totalidade do movimento histórico? Não, eu sei que isso é impossível. Eu quero entender o momento que nós estamos vivendo para saber o que fazer em seguida, é só isto. Note bem: Maurice Pradines definia a consciência como "a memória do passado preparada para as tarefas do presente". Isso é tudo, isso é o máximo que nós podemos conseguir.

Eu lembro que quando eu era criança eu tinha um complexo de burrice terrível. Eu sempre achava que eu não estava entendendo nada, e eu realmente não estava. A diferença é que eu achava que os outros estavam entendendo, e eles também não estavam. Quando eu descobri isso, foi uma tremenda decepção; e a partir daí se tornou uma grande ambição para mim entender o que está acontecendo naquele momento e poder dizer uma palavra última, uma palavra que ajude. Na verdade isto foi tudo o que eu quis na minha vida: eu quero ser um sujeito a quem você pode perguntar o que está acontecendo e eu vou dizer alguma coisa que preste; é só isso. E se você perceber é exatamente isso que eu tenho feito. Claro que para isso você às vezes é obrigado a criar construções teoréticas não com o objetivo de você prender a realidade na malha desses conceitos, mas apenas de você criar estratégias que lhe permitam entender o que está acontecendo, permitam por assim dizer ajustar o foco da sua inteligência ao foco da sua existência; é uma espécie de anti-paralaxe cognitiva. Então, nesse sentido, a idéia de confissão, a idéia de cavar onde você está, é a idéia que eu uma vez expus quando teve aquele congresso do IBH, em Vassouras, de você encontrar a sua própria voz;

quer dizer, você ter certeza que você está falando desde o centro mais verdadeiro da sua pessoa, ou seja, que você está falando para as pessoas com a mesma voz com que você fala para você mesmo, quando está absolutamente sozinho, e com a mesma voz que você fala para o próprio Deus, senão tem algum treco errado.

Muito bem, vamos aqui a algumas perguntas.

Aluno: De cara, obrigado. Cada dia, melhor.

Olavo: Obrigado, eu!

Aluno: Não sei se essa pergunta cabe aqui, mas, enfim, encaminho. O senhor fala não só no Seminário, mas em outros veículos, a respeito da falência educacional. Um dos meus anseios nesse Seminário é preparar melhor não só para mim, mas para orientar meu filho para não cair nas armadilhas já montadas no ensino brasileiro. Ao mesmo tempo é um modelo horrível que existe no Brasil de hoje. Como fazer para que meu filho possa estar melhor preparado para não cair de plano nas armadilhas que caí? Não sei se estou sendo claro, mas sei que vários colegas do Seminário, como eu, também têm filhos. Eu encaminho a questão porque é algo que me deixa angustiado.

Ninguém pode dar o que não tem. Nós não podemos nos retirar para o plano da suprema beatitude do entendimento, então não podemos evitar a contaminação no besteirol contemporâneo, na decadência contemporânea, na sujeira contemporânea. Não podemos, não podemos em hipótese alguma. E só o que devemos fazer é confessar permanentemente esse estado de degradação. Cada vez que você confessa, Deus abre uma portinha para você, para você melhorar um pouco. Na verdade é só isto. Eu conheço pessoas que, por exemplo, proíbem os seus filhos de ver televisão, e que pretendem manter os seus filhos numa redoma de pureza; só o que elas fazem é tornar esses filhos indefesos perante este mundo. Nós não podemos fugir da experiência humana — experiência do mal, do pecado etc. —, não podemos. O próprio Cristo fala: “Não resistais ao mal” — veja que coisa importante isso aqui. Você vai se contaminar no mal e não é você que vai se limpar se mantendo dentro de uma redoma, é Deus que vai limpar você. E ele vai limpar você quando? Quando você confessar. Não estou falando necessariamente da confissão ritual, porque a confissão ritual só se o sujeito se confessar cinco, seis, sete, oito vezes por dia, mas tem um padre em casa para fazer isso; isso não é possível.

A confissão ritual é apenas a oficialização, por assim dizer, de um confissão que já foi feita por dentro — eu estou falando da confissão interior. Então é esta confissão que permite que você saia um pouquinho da miséria contemporânea **[01:30]**, e esse pouquinho é decisivo. O importante não é estar livre dela, não é manter-se puro e intacto, porque se você tenta fazer isso as coisas pioram ainda mais. O importante é a confissão para que Deus o limpe. Se você fizer isso permanentemente, seus filhos verão o que você está fazendo: que você não é melhor do que os outros, mas está fazendo uma coisa um pouquinho melhor; e eles seguirão você. É este exemplo que você tem de dar, de que consegue perceber a miséria dos meios social e cultural não

externamente, mas em você mesmo. Então, você estará continuamente limpando-se daquilo. Não com o espírito de revolta, de indignação, mas de paciência consigo mesmo: você sabe que não se irá livrar disso tudo de uma só vez, que não será puro e intacto, que não será arrebatado para a suprema beatitude do conhecimento. Você sabe que compartilha do pecado do seu tempo e o carrega dentro de si.

Por exemplo, eis um grande pecado do nosso tempo: todos aqueles que estão contra as tendências revolucionárias, malignas, contra a ambição gnóstica de dominar o mundo, todos eles, com freqüência, cedem à linguagem dessa mesma atitude e tentam expressar-se na linguagem do inimigo, porque não têm uma própria. Você só vai desenvolver uma linguagem própria se continuamente confessar a realidade para si mesmo e para Deus, criando assim uma voz própria, sem precisar adaptar-se a uma linguagem que já está corrupta e que foi feita para corromper pessoas.

Eu vou dar um exemplo para vocês. Havia um famoso médico abortista aqui nos EUA que era especialista em praticar o que eles chamam de *late-term abortion*, ou seja, quando a criança está pronta, está para nascer — é cem por cento viável, faltam dez minutos para ela nascer —, eles matam a criança. O sujeito aplicou isso a uma multidão de crianças. Um dia ele estava na igreja — fazendo o que na igreja? —, na paróquia que costumava freqüentar e onde era muito bem aceito, quando entrou outro sujeito e deu-lhe um tiro. Imediatamente, todas as organizações anti-abortistas, as organizações pró-vida, lançaram manifestos de repulsa a esse crime hediondo, falando desse crime em uma linguagem muito mais violenta do que jamais usaram contra os abortistas. E para quê? Para se limpar, porque, tão logo mataram esse sujeito — o tal Dr. Tiller — os abortistas imediatamente disseram que não bastava punir o assassino, era preciso perseguir as organizações pró-vida, porque quem fala contra o aborto está induzindo o assassinato de abortistas. Então, as organizações pró-vida imediatamente sentiram-se objetos de suspeita e tentaram mostrar bom mocismo: “Não, nós somos contra a violência!” Por que eles não poderiam dizer: “Não temos nada a ver com isso. Nós não nos preocupamos com nada disso, nem com o Dr. Tiller nem com seu assassino. Nós não matamos bebês, nem seres humanos adultos. Isso é problema de vocês!” Por que não poderiam dizer simplesmente isso? Por que você tem de se posicionar nos termos que seu inimigo colocou? Por que você tem de mostrar repulsa pelo homicídio? Eu não sou a favor do homicídio, mas honestamente não consigo sentir mais repulsa pelo sujeito que matou o Dr. Tiller do que pelo próprio Dr. Tiller. O assassino dele era um maluco, mas ele era um assassino em massa. Primeiro eu graduaria as minhas expressões de horror. Humanamente falando, não posso achar que o assassinato do Dr. Tiller é um crime hediondo como matar milhões de bebês. Se um sujeito matasse Hitler ou Josef Stalin, naturalmente ele iria para a cadeia. Mas teria sido um crime hediondo? Não. O assassinato do Dr. Tiller não foi um crime hediondo. Foi um crime apenas, um crime vulgar, bobo. Mas o assassinato de milhões de bebês que estão prontos para nascer é claro que é um crime hediondo. Por que as pessoas não podem falar isso? Temem o que pensarão delas. E cada vez que você imagina o que os outros vão pensar de você, você está cuspindo em Deus: isso chama-se respeito humano. Você não pode colocar o seu respeito humano acima do respeito que você tem por Deus. E Deus, o que é? É o

Espírito da Verdade, portanto o espírito da confissão.

Nós não temos acesso à verdade total, universal etc. Não temos e não precisamos dela. O que eu poderia fazer com a verdade total? Estou com 62 anos agora, vamos supor que eu captasse a verdade total amanhã e daí vivesse por mais algum tempo, indo, por fim, para o túmulo e levando a minha verdade total comigo. Para que serve isso? É ridículo! A pretensão à verdade total é, em si mesma, uma falsidade. O que nós precisamos obter é a adequação ao espírito da verdade tal como ele é necessário para nossa orientação na vida real, seja a prática, seja a intelectual. Na mesma medida, somos obrigados a criar uma linguagem que nos permita exercer essa prática.

O equivalente moral da verdade — no plano de sua vida temporal, biográfica — é a sinceridade, é a minha confissão perante mim mesmo e perante Deus do que eu sou, do que quero, do que penso. E eu não posso ser sincero se imito a linguagem da mentira. E a linguagem da mentira é sempre baseada no que os outros vão pensar. Esse desejo de mostrar bom mocismo estraga e corrompe pessoas até o fundo da alma.

Não se trata de aplaudir o assassinato do Dr. Tiller. Trata-se de lamentá-lo como um ato insensato que fez de um bandido um mártir. Você não tem de dizer que foi um crime hediondo, mas que esse idiota transformou o Dr. Tiller em um mártir. E isso sim é sincero. O Dr. Tiller não merecia viver, ele não merece as nossas lágrimas; e o assassino dele não merece o nosso horror. O Dr. Tiller merece a nossa mais profunda condenação e o assassino dele merece o nosso desprezo; é um assassino a mais, que não ajudou em nada, só atrapalhou.

[01:40] As organizações pró-vida falaram com tanto horror do assassinato do Dr. Tiller que ajudaram a beatificá-lo. Esse tipo de coisa acontece no Brasil a todo o momento. Você imita o seu adversário para que ele não pense mal de você. Você quer a afeição do seu adversário. Ele quer a sua morte, mas você quer a afeição dele. E você ainda pensa que isso é cristianismo, que é odiar o pecado e não pecador? Odiar o pecado e não o pecador é uma coisa, mas punir o pecado e não o pecador é impossível! Você não pode mandar o crime para a cadeira sem mandar o criminoso junto.

Se você pega um sujeito tentando estuprar a sua filha e recusa-se a enchê-lo de porrada, alegando que odeia o pecado mas não o pecador, como é que vai ser? Como você vai parar o estupro sem parar o estuprador? Essa história de odiar o pecado mas não o pecador é usada freqüentemente como um subterfúgio covarde, pecaminoso e blasfematório: você está recusando-se a cumprir o seu dever e encobre a sua covardia e a sua falsidade com um manto de cristianismo. E tem outra coisa. Para punir as pessoas, por que você precisa odiá-las? Se eu pegasse um sujeito tentando estuprar minha filha, eu daria um cacete nele sem odiá-lo. Não o odiaria, só estaria tentando acabar com aquela porcaria e tirá-lo dali.

Mais ainda: a ilusão de fazer justiça é outro desses idealismos que arrebata as pessoas para a suprema beatitude do conhecimento. Nós jamais fazemos justiça. A pretensão de fazer justiça é uma coisa tremendamente injusta. Por

que mandamos um criminoso para a cadeia? Nós mandamos para puni-lo e fazer justiça? O que é que tem a ver uma coisa com outra? O sujeito matou uma pessoa e eu trancafio-o na cadeia durante certo tempo e acho que isso é fazer justiça. Como assim "fazer justiça"? Qual a equivalência que há? Mesmo se eu matar o criminoso não há equivalência, pois isso não trará o outro à vida. Só Deus faz justiça.

E se alguém disser: "Ah, eu não estou pondo o criminoso na cadeia para fazer justiça, mas para recuperá-lo." Que legal! Ele vai viver entre outros criminosos, aprender mais técnicas do crime, sair puto da vida e cometer mais crimes. E você chama isso de educação! Ou seja, nós não podemos nem fazer justiça nem recuperar os criminosos. Nós pomos os criminosos na cadeia porque nós não os aguentamos. É só por isso. Não é por justiça nem por pedagogia, mas só por segurança. Então, por que a gente não confessa isso? Se tem um sujeito matando gente para caramba, nós não o aguentamos mais e morremos de medo dele, havendo um jeito de trancafiá-lo na cadeia e livrar-nos desse problema, por que não o faríamos? Então, por que não confessar: "Oh, meu Deus, não estou fazendo justiça, nem dando reparação às vítimas, nem ajudando o criminoso a se recuperar, mas apenas cuidando da minha própria segurança, porque sou fraco e não aguento o problema"? Se você falar isso, Deus irá gostar de ouvi-lo. Agora, se você tem a ilusão de fazer justiça ou de recuperar o criminoso, você está mentindo.

Quantas vezes não vi alunos meus, estudantes de direito, com este problema na cabeça: a cadeia é uma punição ou uma oportunidade de recuperação? Ela não é nem uma coisa nem outra. A cadeia é um quebra-galho para você continuar vivendo. Do mesmo modo a pena de morte, a cadeira elétrica etc., também são isso. Tem uns caras que você não aguenta nem mesmo na cadeia; até na cadeia você fica com medo deles. Então, liquide os desgraçados!

E como eu cheguei a essa conclusão? Investigando a mim mesmo. Meu pai era advogado e eu acompanhava alguns casos dele. Ele dizia uma coisa: que o juiz não precisa ser parcial em favor de uma das partes, mas ele é sempre parcial a favor de si mesmo. Nada mais justo, pois ele é um ser humano falível, fraco, e tem de cuidar de si em primeiro lugar. Quem não cuida nem de si como vai cuidar dos outros? Se ele manda um criminoso para a cadeia, a primeira pessoa que ele está defendendo é ele mesmo. E defendendo-se a si mesmo ele está, por tabela, defendendo as possíveis futuras vítimas.

Outro problema absurdo é esse de egoísmo e altruísmo. Eu já escrevi a esse respeito e voltarei a ele algum dia. Isso é a base da "filosofia" da Ayn Rand (1905–1982), que não é uma filosofia de maneira alguma, mas apenas uma psicologia prática, porque se você baseia todo o seu sistema moral no esquema de egoísmo e altruísmo, você se esquece que eles não são conceitos filosóficos legítimos, que não descrevem realidades, mas hipóteses extremas que jamais se verificam na realidade.

O que seria o egoísta total? O sujeito que só cuida de si mesmo e não dá nada para ninguém. Então, ele vive numa solidão miserável. Qual é o prazer, qual é a graça disso? Ele perde tudo! Se você não pode repartir as suas alegrias com ninguém, você é o mais solitário e infeliz dos seres humanos. E como é que

você vai dizer que está trabalhando em favor de si mesmo? Está é trabalhando contra si mesmo.

Já o altruísta total seria o sujeito que fizesse tudo para os outros sem ganhar absolutamente nada, nem a satisfação de amar a Deus. Também ele estaria contra si mesmo, e contra todo mundo porque, no fundo, se você ama um pouco as pessoas que você está ajudando, é impossível amá-las sem ter nisso uma satisfação imediata. Se alguém diz: "Ah, não quero. Então, vou odiar aqueles que eu estou ajudando." Isto é loucura!

Então, não existe egoísmo e não existe altruísmo. Isso aí são nomes de hipóteses extremadas que não se verificam na realidade, não são conceitos descritivos da realidade. E se não são conceitos descritivos da realidade, não são conceitos filosoficamente válidos. Como chegar a essa conclusão? Observe seus atos egoístas e seus atos altruístas. Por exemplo, se você quer ganhar um montão de dinheiro e ter sua mesa farta; você vai comer sozinho? Sempre? Não. Você vai ter de ser bom para alguém. Então, não dá para ser totalmente egoísta. E para ser totalmente altruísta? Jesus Cristo, por exemplo. Ele não ganhou nada com o que fez? Ele ganhou o mundo! Deus Pai deu-Lhe o mundo inteiro, deu-Lhe milhões de pessoas. Quando Ele diz: "Pai, não perdi nenhum daqueles que me deste", fica claro que Ele é nosso dono. Ele não ganhou nada? Ganhou mais do que qualquer um de nós! Então, dizer: "Ah, não quero nada. Manda todo mundo para o inferno!" seria uma estupidez.

Não existe egoísmo nem altruísmo. São apenas qualidades extremas que só aparecem misturadas de uma maneira quase indescritível. Portanto, é melhor desistir desses conceitos e encontrar outros melhores que lhe permitam descrever as coisas com sinceridade. A sinceridade é o começo da veracidade. **[01:50]** Sinceridade é veracidade subjetiva. Mas sem ela você não vai chegar a nada. E é praticando isso que você vai ensinar algo a seus filhos. Eu nunca proibi meus filhos de ver televisão, de frequentar qualquer ambiente, nunca os tratei como virgens a ser conservadas numa redoma. Ao contrário, eu os soltei no mundo. Mas eu soltava-os no mundo e dava outro exemplo em casa. E eu confio no meu taco: sei que eles podem errar, mas vão seguir a mim e não essas porcarias que estão no mundo. Isso porque eles têm amor por mim; têm amor, têm respeito, têm tudo. Basta isso. Você tem de ser um pólo atrativo dentro da sua casa, mais forte do que as atrações do mundo em torno. Seja isso! Pratique a sinceridade, pratique a vida intelectual no seu sentido mais verdadeiro e você será um pólo de atração e seus filhos seguirão você. Você não vai preservá-los da contaminação do mundo; mas não é isso que interessa. Você vai torná-los capazes de praticar a mesma confissão, de praticar a mesma sinceridade. Não se esqueça do verso de Antonio Machado: "*Quien habla solo espera hablar con Dios um día*." Se você está praticando essa sinceridade, se você já não estiver falando com Deus, está preparando-se para isso. Aí não vai ter respeito humano, não vai ter atrativo, não vai ter corrupção que vai ganhar você.

Eu, por mim, fico horrorizado com as pessoas que tentam preservar os seus filhos cem por cento. O que é isto? Você não deve misturar-se às pessoas que estão profundamente corruptas, mas isso não quer dizer que você deva fugir delas. Você não deve misturar-se interiormente, mas você vive na mesma

sociedade com elas. E tampouco estará totalmente livre da contaminação delas. Ora, você preserva-se de toda sujeira de modo a não precisar jamais tomar banho? Não. Diariamente você suja-se e toma banho. Na esfera psíquica é a mesma coisa. Diariamente fazemos um monte de porcarias, contaminamo-nos com o mal do mundo e daí vamos para dentro de nós mesmos, repensamos tudo aquilo e confessamos para Deus. Pronto! Ficamos limpos! A sinceridade é a base de tudo isso.

Aluno: O padre Sertillanges tem uma ótima citação sobre a questão do observador onisciente: "Buscar a aprovação pública é tirar ao público uma força com que ele contava."

Olavo: O público estava esperando algo de você. O público precisa desse exemplo, da sinceridade, da veracidade. Mas se, ao contrário, você ajoelha-se perante ele, tudo se inverte. Se você não pratica a sinceridade, só terá duas alternativas: ou você adapta-se à linguagem do adversário e deixa que ele lhe corrompa por dentro, ou vai explodir em protestos vãos e histéricos a todo o momento, os quais, em seguida, botarão você em uma situação vergonhosa e farão com que você peça desculpas e ajoelhe-se diante do adversário de novo.

Eu estou no jornalismo há quarenta anos. Vocês já me viram pedir desculpa por alguma coisa porque o público protestou? Só peço desculpas se eu efetivamente errei, se disse uma inverdade. Mas desculpa por ter sido mal educado eu vou pedir? Nunca na minha vida! Lembro do debate que eu tive com um senador e um prefeito petista em que eles disseram: "O senhor está desrespeitando o nosso governador." Eu disse: "Mas eu não o respeito mesmo! De que adianta eu fingir que respeito? O sujeito é podre! Eu só posso olhá-lo com desprezo." Sabe o que eles falaram? Nada. Ficaram quietos o resto do debate. Agora, se você fraqueja e diz: "Não, eu não quis desrespeitar...", pronto, acabou.

Por outro lado, se você mostra indignação e ódio pelo sujeito, está exagerando. Por exemplo, o Olívio Dutra. Eu não odeio o Olívio Dutra, ele não é tão importante para eu odiá-lo. Mas que eu o desprezo, desprezo: ele é uma titica de galinha. Você tem de falar o sentimento real na medida real, sem exagero. Se você alcançar esta medida da linguagem, ninguém poderá cobrar nada de você. Você não terá satisfação a dar, porque já deu satisfação a Deus. Se eu pecar, eu confesso-me para Deus, não vou ficar me ajoelhando à sua frente, pois você não tem nada a ver com isso.

Cavar onde está, confessar, encontrar a própria voz, não sonegar ao público o bom exemplo da sinceridade, estou falando a mesma coisa com palavras diferentes. E essa será a base do nosso exercício filosófico durante cinco anos.

Aluno: Primeiramente, meus agradecimentos pelo ensino, orientação e material disponibilizado, não só no Seminário como também no seu site. Tudo o que o senhor fez e está fazendo não tem preço, ou melhor, é impagável.

Olavo: Bom, espero que não seja impagável no sentido cômico, como o falecido Ronald Golias era impagável.

Aluno: Na Espanha, a Fundação Xavier Zubiri divulga os estudos realizados no mundo sobre aquele filósofo. A trilogia Inteligencia Sentiente (1980) foi agora traduzida para o francês e vão aumentando as teses de doutorado sobre o seu trabalho. Até a Universidade Católica de Assunção, através do Centro de Estudos Antropológicos, publicou recentemente La Experiencia Teologal del Hombre Según Xavier Zubiri. Os países hispânicos acompanham e se beneficiam da cultura, mas no Brasil parece que ninguém liga muito para o que acontece em Portugal. (...)

Olavo: Ai, meu Deus! Você tocou em um assunto fundamental. Este é um dos aspectos da hipocrisia brasileira: aquele pessoal de 1922 fazer de conta que temos aqui uma cultura autônoma e que não devemos mais nada a Portugal. Pararam de copiar Portugal e começaram a copiar a França e depois os EUA, inclusive na linguagem. Não se aprende mais a escrever com Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, Aquilino Ribeiro, Miguel Torga etc. Agora você aprende a escrever com Guillaume Apollinaire ou com qualquer escritor inglês ou Americano. Você vai pegar estruturas de frases que não se aplicam e enxertar na sua língua e vai ficar uma coisa que dói nos ouvidos. Por exemplo, quantas vezes Mário de Andrade, tentando ser puramente brasileiro, consegue soar tremendamente francês? Acho que todo mundo que o leu deve ter reparado nisso.

No mundo hispano-americano todo mundo lê literatura espanhola e está em permanente contato com a cultura espanhola de origem. Aqui nos EUA todo mundo lê os escritores ingleses e está permanentemente recebendo o influxo da cultura de origem. Só no Brasil que dizem: “Ah não, não quero nada que tenha a ver com Portugal.” O pessoal de 1922 era um bando de palhaços. Só mesmo esse outro palhaço, como o cretino desse Antônio Cândido para achar lindo tudo isso. O movimento de 1922 não deu nada para o Brasil. O que deu foi o modernismo progressista de 1926, esse deu alguma coisa. Mas, veja, foi orientado por Gilberto Freyre e não tinha brasileiro mais ligado em Portugal do que o Gilberto Freyre.

Aluno: (...) Isso por si já é uma baita desvantagem (...)

Olavo: Tem toda razão, Vitor.

Aluno: (...) desgraçadamente aumentada quando não reconhece o maior filósofo na língua portuguesa, Mário Ferreira dos Santos, em sua própria terra.

Olavo: Isto é incrível! Um país que tem um tesouro do tamanho do Mário Ferreira dos Santos fica aí perdendo tempo lendo **[02:00]** Marilena Chauí, Emir Sader... Isso é o supra-sumo da loucura! Uma das causas disso é a ruptura com Portugal, porque faz com que você perca a medida do histórico e então fique perdido no espaço.

Aluno: Enquanto Zubiri é estudado, interpretado, traduzido e preservado, Mário é ignorado, esquecido e desprezado. Será que somente a questão ideológica ou pseudo-ideológica explicaria essa diferença de comportamento, visto que, na prática, a esquerda está aboletada não somente no Brasil, mas

em todo o continente?

Olavo: Acho que isso não é um problema ideológico, porque é muito difícil de definir se o Mário era de direita ou esquerda. Por um aspecto ele era anti-marxista, mas, por outro lado, às vezes, era simpático aos anarquistas. A forma ideológica do Mário era complexíssima. Não dá pra você botar ele aqui na... Ele está, mais ou menos, que nem o Rosenstock, que dizia: "Eu não sou nem progressista nem conservador, porque toda pessoa normal é ao mesmo tempo progressista e conservadora".

Eu não acho que seja um problema ideológico. Eu acho que é um problema de incapacidade, mas de incapacidade cultivada. Você veja, o Mário é um dos grandes herdeiros da cultura portuguesa. Ele é o sujeito no mundo que mais conhecia filosofia portuguesa. Conhecia mais que em Portugal mesmo! Ele leu todos os filósofos portugueses da renascença, todos os escolásticos portugueses, conhecia isso tudo de trás para adiante, e isso teve uma influência tremenda. O Mário ouviu aquilo do Leibniz, quando ele dizia que "a filosofia portuguesa recompensará abundantemente aquele que se dedique a ela" e disse "ah, eu vou lá". Muitos textos que não tinham edições, ele foi nas bibliotecas de Portugal tirar cópias para estudar em casa. O Mário estava tentando reatar uma corrente de influência benéfica que tinha sido totalmente tampada, e nós temos que continuar a mesma coisa.

A cultura portuguesa é uma coisa maravilhosa! Vocês não imaginam! Portugal tem escritores mil vezes melhores que os do Brasil. Vocês já leram Aquilino Ribeiro? Eu estou lendo todos os romances do Aquilino Ribeiro. É uma riqueza de linguagem que brasileiro com três páginas daquilo fica bêbado e cai, não aguenta. E ele não é como Guimarães Rosa, que inventa um monte de palavras. O Aquilino, não. Ele pega todas as palavras que existem na língua portuguesa e as usa. E usa de uma maneira tão genial e tão fantástica, que eu duvido que haja no Brasil, hoje, quem seja capaz de lê-lo.

Aluno: Quando temos uma sociedade em que 99% das pessoas está deformada pela guerra, crise, revolução, degeneração, já não podemos mais olhar para nenhum lado afim de buscar balizas intelectuais, mas temos que olhar para o passado, para a tradição clássica. Minha pergunta é: qual a ligação que isso possui com o que o Voegelin diz de "uma linguagem que se comunica com a tensão vital da existência humana"?

Olavo: Era exatamente o que eu estava dizendo no começo. É a sinceridade da expressão da experiência real com todas as suas contradições. É você não tentar criar uma perfeição lógica tampando a sujeira embaixo dela, porque, cada um de nós, tampando a nossa confusão interior, viramos um tratado de lógica.

O Voegelin entendia perfeitamente bem isto, que Sócrates também entendia: o importante não é você criar doutrinas bonitinhas e logicamente bem explicadas, mas permanecer fiel à verdade da existência com todas as suas tensões e contradições.

Aluno: Olavo, quando você diz "não estude mais de duas horas por dia" o que você entende por estudo? Ler um romance é estudar tanto quanto ler Aristóteles e aprender uma língua? E ver um filme ou assistir uma peça?

Olavo: Aí depende. Eu estava me referindo ao estudo formal, em que você vai ler alguma coisa e tomar notas para alguma finalidade específica, e não à mera leitura de livros, ou assistir filmes etc. Tudo isso pode e deve se incorporar ao seu estudo e, às vezes, aí você obtém coisas até mais preciosas que no estudo formal. Mas quando eu falei das duas horas é de estudo no sentido formal da coisa. Não adianta forçar mais de duas horas porque você não consegue. E duas horas não precisam ser duas horas contínuas: podem ser quinze minutos, depois mais dez minutos etc.

Eu gosto muito do exemplo do Sir Richard Burton — não o autor, mas o historiador — que tinha umas quinze mesas diferentes no seu escritório, cada uma para um assunto diferente. Quando ele cansava de um, passava para outro. Cansado de estudar línguas, ia estudar geografia. Cansado da geografia, ia estudar história, ciência natural etc. Assim ele agüentava várias horas. Você pode fazer a mesma coisa. Tem gente que se dá melhor concentrando-se num assunto e num livro e ficando atrás dele. Eu não sou assim. Tenho que ler vinte coisas diferentes ao mesmo tempo, porque eu vou circulando. Mas você tem de encontrar seu próprio ritmo.

O que eu quis dizer com isto de não estudar mais de duas horas por dia não é uma coisa estrita. Estou falando é que existe um pique de produtividade no estudo que não vai passar disso aí. Um escritor bom, por exemplo, dificilmente trabalha nos seus escritos mais de três horas, porque não consegue passar disso. Se passar fica ruim. Quanto um bom escritor produz por dia? Três ou quatro laudas, não mais do que isso, porque são três ou quatro laudas escritas com plena consciência de causa, concentração, com todos os valores que ele pode colocar. Se tentar escrever mais, o escritor acaba entrando no automatismo, na rotina, vai acabar caindo para um estilo mais jornalístico, uma coisa assim.

Aluno: Qual a diferença do necrológio de uma pessoa jovem e de uma que já passou dos quarenta?

Olavo: Mesmo que chegasse aos setenta, é a mesma coisa. Eu estou falando do que você ainda pretende ser. Se você não está morto, você tem algum plano de futuro.

Note bem: você lidar com o próprio futuro como componente dinâmico da sua vida atual é muito importante para você captar esta dimensão do tempo. Porque o tempo, na vida individual humana, sempre tem essa articulação com o futuro que pretende determinar o significado do seu passado. Você está indo em direção à uma meta ideal que dará, retroativamente, um determinado sentido a tudo que se passou antes. Nós fazemos isso o tempo todo, mas essa é a estrutura da vida biográfica humana, não a estrutura da vida histórica. A vida individual tem essa estrutura porque ela tem uma duração média: você pode ter uma expectativa de vida. Mas, a humanidade tem expectativa de vida? Você sabe quando ela vai acabar? Não. Em segundo lugar, quando as

pessoas bolam um futuro hipotético para dar sentido à vida histórica do presente, estão sobretudo inventando sentido para a vida alheia, e não para as suas próprias. A tentativa de mudar o sentido do passado em função de um futuro hipotético é legítima na escala da vida individual humana, jamais na escala histórica. Isso é uma analogia chinfrim que está sendo feita entre a vida histórica e a vida do indivíduo.

A vida do indivíduo é de fato uma curva que vai chegar em um fim. A vida histórica não. Ela é um horizonte em aberto, que ninguém sabe onde vai terminar.

Aluno: Professor, o senhor pode dar mais exemplos de personagens que conseguiram lidar bem com a equação objetivos, **[02:10]** *aspirações de vida, desafios da vida e as dificuldades que se apresentam?*

Olavo: Os exemplos são inúmeros na história. Sobretudo na história das artes e da filosofia você tem isto de pessoas que criaram um objetivo de vida, moldaram a sua vida por ele e foram aos poucos se aproximando, através das tensões e contradições, daquilo que haviam planejado ser.

Eu acabei de dar para vocês o exemplo de Santo Agostinho. A vida de Santo Agostinho é uma vida de transformações, de esforço, em vista de um objetivo que era estar diante de Deus. Esse era o objetivo de sua vida e ele fez de tudo para isso, foi se encaminhando para isso através de contradições, perplexidades, dificuldades etc. Esse é um exemplo característico.

Outras pessoas tiveram objetivos mais modestos, por exemplo, Napoleão: ele quis criar um império. Sua vida é relativamente curta, e ele é um dos sujeitos que mais foram biografados no mundo, então tem tanto material que você se perde. Mas é um exemplo de uma vida que teve um objetivo muito claro e que foi, apesar da destruição final, uma vida bem sucedida: Napoleão fez o que queria fazer.

Eu estou lendo agora, e estou maravilhado, com o diário de Leon Bloy. Ele foi um dos sujeitos que teve uma das vidas mais difíceis que se conhece: era um escritor que todo mundo rejeitou, todo mundo o odiou e ele chegou a ficar na miséria total, a virar um mendigo. Não obstante, construiu uma obra maravilhosa. Eu acho isso uma vida extremamente bem sucedida, porque a proposta dele era, no fim das contas, a vida cristã e o encontro da sinceridade perfeita, e isso, naquela época e naquelas condições, teve um preço, e um preço muito maior do que normalmente nós conseguimos pagar. Mas ele topou a parada. Ele disse: “se eu tiver que viver na miséria eu vou aceitar. Não quer dizer que eu vou gostar, não quer dizer que eu vou parar de reclamar, mas eu não vou desistir por causa disso.”

Aluno: O que você recomenda quando alguém tem experiências relacionadas à metafísica e não tem conhecimentos filosóficos para resolvê-las? Estou me propondo a estudar muito. Já estudo faz tempo mas preciso estudar muito mais. O que o senhor me diria?

Olavo: Esse é o tema de um assunto que vai ser abordado aqui, na parte de psicologia, e, inclusive, fora desse curso, eu vou dar um curso aqui em Colonial Heights sobre isso, que eu chamo Trauma da Emergência da Razão. O fato de o ser humano ter uma capacidade de criar estruturas racionais universalmente explicativas é um fardo que nós carregamos, porque nós nascemos com essa capacidade, mas nós não temos os materiais para essa construção. As nossas construções racionais e hipotéticas são todas falsas durante boa parte da vida. Nós nascemos com uma certa capacidade que é superior à nossa capacidade de utilizá-la.

Então, quando se define o homem como um animal racional, é claro que o homem nasce racional, nasce com o dom da razão. Mas, ele tem de ir se apropriando dela de maneira extremamente dificultosa e problemática porque a razão só funciona quando ela trabalha junto com a experiência da realidade; e a experiência da realidade, por sua vez, não se apresenta para nós com as devidas estruturas racionais, mas aparece às vezes como um caos. Por um lado você tem idéias, por outro você tem os fatos. Mas a única coisa que interessa é a idéia que está nos fatos.

Para aprender a lidar com a razão você precisa de muitos anos e, de fato, é um grande sofrimento. Mas, é um sofrimento que quando vivido com consciência de causa, dedicação e sinceridade ele deixa de ser um sofrimento e passa a ser simplesmente uma tarefa.

Eu observei ao longo dos tempos que inúmeras neuroses, por exemplo, são causadas só por isto — a dificuldade que o sujeito tem de arcar com o dom da razão —, muito mais do que por problemas de id, ego e super-ego, tensões sexuais etc. Sexo qualquer gambá, esquilo, coelho ou sapo tem, então não pode ser a origem de tantos problemas. Mas, este negócio do racional só o ser humano tem e isto aí é um peso que cria um desajuste temporal. O ser humano, desde pequenino, quer agir como se estivesse entendendo tudo, como se ele tivesse uma estrutura racional explicativa, mas ele não tem; essas estruturas são falsas.

Eu acho que, na verdade, só poucos seres humanos chegam a se beneficiar, realmente, deste dom da razão. Esse é um tema que eu não posso me aprofundar muito agora porque ele é o tema do curso que eu vou dar em setembro e será abordado depois neste mesmo curso, bem mais tarde, de uma maneira mais técnica.

No congresso do IBH em Vassouras, uma aluna minha, a Henriete Fonseca, fez uma apresentação muito boa do que era essa investigação minha sobre o Trauma de Emergência da Razão. Isso está gravado em algum lugar e, mais dia menos dia, isso aparecerá no site do Seminário de Filosofia.

Aluno: Por acaso este problema de determinismo e liberdade não vem da Bíblia em Romanos, 9: 21, que diz que Deus fez vasos para honra e desonra?

Olavo: Sim, mas esse é um problema de Deus. Como é que você vai explicar isto em termos de determinismo e livre-arbítrio, se o próprio Deus diz que dará o perdão a quem o pedir? Que sentido faria Ele dizer isso se já estivesse

pré-determinado? Não é possível equacionar isso nem em termos de liberdade, nem em termos de livre-arbítrio. É possível equacionar em termos da tensão real que nós temos entre a nossa propensão para agir de determinadas maneiras, que nós mesmo achamos ruins, e o desejo que nós temos de ser uma outra coisa. Eu acho que determinismo e livre-arbítrio não expressam essa realidade. Nós temos que procurar outros conceitos mais precisos, mais sutis, mais detalhados, que permitam dizer a realidade.

Note bem: dizer a realidade não é uma coisa que você consiga fazer, primeiro, em termos filosóficos. Você tem de fazer primeiro em termos poético-narrativos. Se você não consegue nem contar o que está acontecendo, como é que você vai poder elaborar aquilo intelectualmente depois?

Aluno: Quando o senhor diz que um dos objetivos da vida intelectual seria colocar-se um pouco acima da realidade de modo a poder visualizá-la como observador onipresente, não se deveria ao fato de, ao atingir esse estado, poderíamos ter a percepção de que a realidade como um todo não nos é acessível?

Olavo: Sim, claro. Este esforço de você se elevar acima de si mesmo só serve para você perceber que você não vai para parte alguma. Existe um limite intransponível, e esse limite não é algo a ser vencido mas a ser aceito.

A maior parte das pessoas fala de Deus como se fosse o objeto de uma crença religiosa, não como se fosse uma presença real atuante. O Deus da crença religiosa é só matéria de discussão para teólogos e pseudo-teólogos desocupados. O que importa é você chegar naquele limite do seu conhecimento **[02:20]** e da sua capacidade em que Deus toma a iniciativa. É aí, então, que você começa a perceber Deus como presença. Mesmo percebendo isso, você vai esquecer no dia seguinte. Veja, as pessoas que se apresentam a você só podem estar presentes porque elas estão ausentes em algum outro lugar. Deus não pode fazer isto, porque Ele é onipresente. Isso quer dizer que a interferência dele na sua vida é abrangente e total; não é uma presença singular, localizada. Essa presença abrangente e total só pode ser percebida quando você aceita o limite do seu conhecimento como dado da realidade.

Quando você aceita o fato de que você existe no meio do mistério, e que, no entanto, no meio desse mistério você está inteiramente seguro, você começa a perceber, então, certos elementos do mistério que vêm para você, para esclarecê-lo e ajudá-lo. É só aí que você percebe isso, quando chega àquele estado de total concordância com a sua condição, em que você se coloca como observador passivo, e não como juiz que interroga ativamente a testemunha, como queria Kant. Ora, enquanto você se coloca no lugar do juiz que interroga a testemunha, você está se colocando no lugar de Deus. Você tem de fazer ao contrário: partir para a aceitação integral da realidade, incluindo como elemento central da realidade a limitação do seu conhecimento e a limitação do seu poder.

Portanto, o objetivo deste estudo não é fazer você criar estruturas lógicas que expliquem tudo; é tornar você capaz desse tipo de percepção, que a gente observa tão bem, por exemplo, em Santo Agostinho. Na medida em que ele vai

confessando, ele descobre mais coisas — coisas que ele não sabia. Se ele não confessasse a coisa exatamente como é, ele não teria esgotado o círculo do que é dele, e ele não veria nada para além dele mesmo.

Aluno: Então seria possível ter uma posição de humildade perante a realidade, e não um posição de suposta superioridade.

Olavo: Claro, claro. Esta subida para o plano supostamente superior, pelo entendimento do "eu transcendental", só tende a fracassar; é como uma flecha atirada no ar, mas que vai cair. Então, se você gosta da subida mas não aceita a descida, você vai tentar permanecer no ar. Isso não serve para absolutamente nada. Quer dizer, a subida só se justifica em função da descida.

Aluno: É possível encaixar as previsões dos ambientalistas em um milenarismo? Por exemplo, eles afirmam que se o mundo consumisse como os EUA, acabaria em 50 anos.

Olavo: Sem sombra de dúvida, isto é milenarismo do brabo. Qualquer tentativa de prever o estado futuro de catástrofe, do qual só é possível sair pelo advento de um reino mundial de ordem e justiça, é milenarismo. Na verdade, nós não sabemos o que vai acontecer. Veja, todas essas pessoas adeptas do governo mundial — que no mundo são aquelas que mais acham que sabem — achavam que no ano 2000 o governo mundial já estaria formalmente instituído. E não está ainda. E as dificuldades que se apresentam são enormes. Uma das primeiras dificuldades é que o conceito em si mesmo não faz sentido.

O que é um governo? É um ente que representa uma comunidade, não apenas para efeito de sua ordem interna, mas da convivência com outras comunidades. Se não há mais outras comunidades, o nosso governo mundial irá nos representar perante quem? Perante os sapos, tatus-bolas, ET's, anjos, demônios? Ou seja, o governo mundial pretende nos representar perante o próprio trono de Deus. É o único com o quem ele pode falar depois disso. Então, não se trata de um governo mundial, mas de uma espécie de papado suprarreligioso. Essa idéia do papado suprarreligioso foi inventada no séc. XVII por Jan Amos Comenius (1592-1670), e existe toda uma tradição de cretinos e presunçosos que vêm tentando realizar isto, no sentido de transformar a própria Igreja Católica em uma espécie de papado interreligioso, fazendo-se uma mistura de todas as religiões. Assim, a Igreja deixaria de ser a representante da religião católica para ser a representante religiosa do estado leigo mundial. É claro que isso é uma palhaçada! Porque, note bem, se todas as religiões são equivalentes e todas elas são crenças ou modos humanos de devoção etc., a somatória de todas elas será exatamente a mesma coisa. Se todas as religiões são relativas, só uma delas também será totalmente relativa, e haverá sempre uma autoridade acima dela.

Note bem: a religião, considerada enquanto sistema de crença, de devoções e de rituais, é uma criação humana. O único problema é o seguinte: existe ou não um Deus objetivamente presente, ativo, que interfere na realidade — quer você acredite nEle ou não? O problema da crença é ridículo. O que interessa é a realidade da presença de Deus. Então, se esse Deus existe, a

pluralidade de religiões não tem nada a ver com Ele. Ela é estritamente um fenômeno cultural. Se Deus existe, o problema das religiões tem de ser colocado não para nós, mas para Ele. É Ele que tem de dizer o que é certo, e não nós. Nós vemos essas pessoas interessadas na unidade das religiões, na religião mundial, mas Deus nunca está presente ali. Deus é, no máximo, um objeto de culto; não se faz nenhuma pergunta a Ele, não se deixa o menor espaço para Ele agir, tudo é iniciativa humana. Então, a que interessa tudo isso? Não passa de uma masturbação mental mundial.

Aluno: O sr. mencionou a importância de ir construindo uma bibliografia básica sobre um tema que nos desperta curiosidade intelectual. Meu interesse está no problema das motivações da ação humana, principalmente da ação política.(...)

Olavo: É extremamente interessante este problema. Ortega y Gasset dizia o seguinte: “Ninguém escreveu um livro que explicasse exatamente porque alguém fez alguma coisa.” Esse problema das motivações humanas — por que um indivíduo fez isso ou aquilo — é fundamental. É um problema que eu me coloquei muitas vezes em minha vida. Eu penso que a grande ambição de um historiador deveria ser explicar por que alguém fez alguma coisa. Eu até já dei esse exemplo: por que Napoleão escolheu um general imbecil para comandar uma operação decisiva durante a batalha de Waterloo? Afinal de contas, essa escolha determinou a derrota dele. Por mais que a gente pense e investigue, vamos chegar a um limite em que temos de aceitar que há um mistério. Então é como se não fosse Napoleão quem escolheu; algo passou por cima dele e o fez agir assim.

Nós nunca entenderemos nada da História **[02:30]** se nós não compreendermos duas coisas. Primeiro, que não é legítimo atribuir a forças impessoais e genéricas — classes sociais, tendências econômicas etc. — àquilo que pode ser explicado mediante a ação humana deliberada e organizada. Isso não é possível, é fuga da realidade. Segundo, que não dá para explicar nenhuma ação humana sem antes entender que o horizonte de consciência de todos os agentes é limitado, e que algo pode ter agido através deles, passando por cima da consciência deles.

Aluno: (...) Acredito que seja um problema concernente ao estudo da ética. Eu estou certo disso. Mas não só da ética. Fui ao dicionário do Nicola Abbagnano e anotei os principais autores que ele elenca como representativos do tema da ética. Mas eu gostaria de um livro introdutório para que eu tenha ao menos uma idéia inicial das discussões sobre o tema. O sr. poderia me indicar algum? ‘O Homem Racional’, de Henry Veatch, é adequado para tal fim?

Olavo: Eu sugeriria que você lesse a introdução do Max Weber ao livro *Economia e Sociedade*, onde ele discute as condições da ação, e a obra *A Ação Humana*, do Ludwig Von Mises, na parte introdutória, e não nos detalhes de economia. Sugiro ainda que você estude o livro de Paul Diel, *Psicologia da Motivação*. O Julián Marías, no livro *La Estrutura Social*, escreveu coisas muito boas sobre a estrutura da ação humana; e espalhada ao longo da obra dele há muita coisa interessante. O próprio Ortega y Gasset escreveu sobre isso, ao tratar do problema da escolha. Os livros do Viktor Frankl podem ser

muito importantes nesse estudo. O Lipot Szondi também tem contribuições importantes. A bibliografia desse assunto é imensa. Com o tempo, eu procurarei dar mais dicas.

Aluno: Comecei a fazer a lista dos escritores que considero os mais importantes. Fazer essa lista me deu uma dimensão do quanto o caminho a percorrer é longo, e que não se pode gastar muito tempo com besteiras.

Olavo: O primeiro proveito que você tira da lista é esse.

Aluno: Eu comecei pela lista de autores brasileiros, depois fiz a lista de autores estrangeiros, que já está imensa, mas deficiente. O sr. poderia me dar alguns direcionamentos sobre esse assunto?

Olavo: Olha, eu comecei fazendo uma lista dessa simplesmente lendo a *História da Literatura Ocidental*, do Otto Maria Carpeaux. Eu marcava os autores que ele considerava importantes, procurando excluir aqueles que eu podia excluir. Eu queria realmente obter uma experiência da literatura universal, e foi assim que eu fiz. Só que eu estou completando aquelas leituras até agora. A diferença é que aos vinte e poucos anos eu já tinha uma idéia de todo o horizonte da literatura mundial e, portanto, eu tinha também um horizonte, por um lado, da minha ignorância e, por outro, da riqueza do material. Então, se você adota uma perspectiva mais egocêntrica, você se sentirá desesperado e dirá: “quantos livros eu preciso ler e até agora li tão pouco!” Mas se você pensar por outro lado, vai perceber quanta coisa interessante tem para ler pelo resto da vida. Você se sentirá muito satisfeito. Eu fico enormemente satisfeito quando descubro um autor bom, importante, que eu não conhecia — aos sessenta e um anos! Por exemplo, só há pouco eu comecei a ler as obras de Leon Bloy, por exemplo, ou de Leon Daudet, que é um escritor que eu sabia que existia, mas ao qual não tinha dado a devida atenção. São escritores maravilhosos. Outro exemplo é Barbey d'Aurevilly, que eu descobri agora. Na verdade ele estava na minha lista, mas não tinha caído nas minhas mãos. O John Cowper Powys foi outro escritor maravilhoso, do qual eu não sabia absolutamente nada. Eu tinha lido uma menção a ele, de passagem, no livro do Edmund Wilson, *O Castelo de Axel*, trintas anos atrás. Daí, um certo dia, eu estava em um sebo quando me caiu nas mãos uma coletânea de ensaios dele onde ele tentava definir o que é a cultura. Eu fiquei maravilhado! Depois eu comprei outros livros... Hoje, eu tenho uma coletânea de livros dele — uns eu já li, outros estão esperando ser lidos. São estudos baseados na mitologia irlandesa, coisas que se passam no período chamado Idade das Trevas; é algo muitíssimo interessante.

Não fique desesperado, não! A sua lista só vai lhe fazer bem.

Aluno: A obra do Carpeaux já pode ser lida?

Olavo: Claro! Vá lendo e anotando; na margem você coloca os nomes dos autores e marca uma ou duas linhas que assinala qual é a importância específica daquele indivíduo. Se você não conseguir extrair essa linha do próprio texto do Carpeaux, escreva você mesmo. E você terá então uma espécie de um fichário cronológico do que é importante ler. E depois, aos

poucos, você vai encontrando esses livros. Tem livros que eu esperei trinta anos para poder ler, como, por exemplo, *Saturno e Melancolia*, de Fritz Saxl. Mas quando você pega o livro, você já sabe onde ele está, historicamente, cronologicamente. Você já sabe as aproximações estilísticas. Então isso já ajuda você.

Aluno: Saiu uma ótima edição pelo Senado.

Olavo: É verdade. Veja que o próprio Senado, o Governo, teve de se mobilizar para publicar essa obra do Carpeaux. Mas isso só aconteceu porque o antigo editor dele, Joaquim Campelo Marques, atualmente é assessor do senador José Sarney. Foi graças a ele que saiu essa edição.

Aluno: Alguns mosteiros se dedicam justamente a esse isolamento do mundo. Procuram através da meditação e do silêncio atingir um maior grau de consciência e aproximação de Deus. Como conciliar essas duas realidades — a que o senhor falou e a que descrevo?

Olavo: Olha, um monge que não arque com a condição humana, que não tenha... Você vê que em toda prática monástica, chega uma hora em que o sujeito é enviado para fora do mosteiro. "Agora você vai para o mundo e vai agüentar o tranco lá fora." Todos os mosteiros fazem isso. Quer dizer: a vida monástica não está lá para proteger o sujeito, mas apenas para concentrá-lo. O monge não estará livre dos males do mundo; ao contrário, ele vai ser exposto a esses males. Então, a prática monástica não tem nada que ver com fechar o sujeito em uma redoma.

Aluno: Pelo que entendi da Teoria dos Quatro Discursos em Aristóteles, ela além de estabelecer uma escala discursiva em diversos graus de certeza, constitui-se uma teoria do conhecimento. (...)

Olavo: **[02:40]** Não é bem que ela em si é uma teoria do conhecimento. Ela tem uma estrutura análoga à teoria do conhecimento de Aristóteles. A gradação que Aristóteles faz dos quatro discursos corresponde estritamente às etapas do conhecimento tal como aparece em outros escritos de Aristóteles.

*Aluno: (...) Assim, o sujeito pode compreender em diversos graus pela poética, pela retórica, pela dialética e pela demonstração coisas que vivencia na realidade ou na imaginação. A imaginação, no entanto, é limitada, podendo ser [*pensando?*] no máximo a realizar diferentes combinações com os dados da realidade. Eu pelo menos não consigo alcançar pela imaginação certas "realidades" que hoje são demonstráveis por experimentos, como por exemplo alguns fenômenos estudados na física quântica ou pela teoria da relatividade. (...)*

Olavo: Olha, você escreveu realidades entre aspas e fez muito bem, porque todas essas supostas realidades da ciência são obtidas mediante construções hipotéticas, erguidas em cima de recortes metodológicos preliminares; elas não realidades, propriamente. Elas são aspectos, qualidades da realidade, mas não são realidades, não são fatos.

O que quer que saia da esfera da imaginação humana — por exemplo, coisas que podem ser construídas matematicamente mas que não podem ser concretamente imaginadas — não é uma realidade. Veja: nós temos que lidar é com a realidade concreta; que é aquela que se apresenta na experiência com o conjunto dos acidentes que necessariamente a acompanham. A primeira coisa que uma teoria científica faz é eliminar os acidentes. Portanto, ela não está falando de realidade, e sim de aspectos. E o aspecto pode ser tão bem recortado e isolado, que ele não poderá ser concebido pela imaginação precisamente porque ele não é uma realidade; ele é uma possibilidade. Apenas uma possibilidade abstrata.

Aluno: (...) Assim, se a Teoria dos Quatro Discursos pode ser utilizada como uma teoria do conhecimento — se é que entendi bem —, como ela explicaria o fato de Einstein ter intuído coisas como a curvatura do espaço tridimensional?

Olavo: Nós não sabemos se essa teoria do Einstein é verdadeira. Eu até falei no meu programa da semana passada sobre um cientista chamado Peter Hayes que demonstrou que teoria do Einstein está cem por cento errada. Como é que nós vamos poder imaginar concretamente pretensas realidades construídas por teorias que podem estar completamente erradas? Então, você não pode, nem precisa e nem deve fazer isso.

Aluno: As artes plásticas possuem alguma importância para o adestramento do nosso imaginário?

Olavo: É de uma importância absolutamente fundamental. Não só as artes plásticas como objeto de estudo, mas como objeto de prática. Por exemplo, as pessoas que fazem o chamado desenho do natural. Eu acho que grande parte do método do conhecimento está no método do desenhista, da observação e das medidas sob muitas perspectivas diferentes — quer dizer, você tomar várias medidas marcando as distâncias. É algo muito análogo à investigação de qualquer outro assunto, em que para poder conseguir prender um objeto numa malha de conceitos que não o extraia da realidade, mas que precisamente o localize na realidade, você precisa criar um conjunto de várias polaridades que se cruzem num certo ponto e vão prendendo aquele objeto. É assim realmente que se faz. Eu mesmo estudei desenho durante um tempo, na Escola Panamericana de Arte, onde havia longa prática, com exercícios de observação e medição. Eu aproveito aquilo até hoje. É claro que eu não era um desenhista, nem pintor por vocação, esse estudo era mais um divertimento, mas me serviu para muito mais coisas além do desenho. Além disso, é uma maravilha quando você observa um quadro e consegue perceber qual o tipo de observação que o pintor fez, o que ele queria captar exatamente.

Aluno: Foi em frente ao espelho fazendo a barba que o sr. percebeu que se conhecia completamente (...)

Olavo: Completamente, não, mas adequadamente.

Aluno: (...) e que daquele momento em diante iria se preocupar com assuntos mais interessantes. Na última aula, foi um conselho seu para que passássemos

para as questões mais vitais e deixássemos a auto-investigação por conta de Deus.

Olavo: Isto é importante: a confissão, a simples confissão permite que aspectos desconhecidos seus apareçam. Se você tem a consciência de estar falando para o observador onisciente, Ele lhe revelará muita coisa sobre você, sobretudo o seu próprio tamanho, a sua própria insignificância. Nós vemos então que damos importância exagerada a essas coisas, porque nós somos realmente muito pequenininhos. Existem bilhões de pessoas no planeta, cada uma pretendendo uma atenção diferenciada da parte de Deus.

Aluno: Não deveríamos nos conhecer para só depois passarmos a investigações maiores? Nossas qualidades e defeitos são para os nossos amigos e inimigos?

Olavo: Bom, o modo correto do auto-conhecimento é a confissão, é contar a história, é só isto; dizer o que você realmente fez, o que realmente pensou, o que você realmente está querendo, e, partindo dessa admissão, abrir-se para novas percepções da realidade. Agora, o objeto disso não pode ser auto-conhecimento. No fim das contas, o objetivo é fazer a vontade de Deus. Porque você não tem uma substantividade que permita dizer “você é isto” ou “você é aquilo”. Nós não temos isso. Nós somos seres meio protéicos, meio sem formas; nós vamos tomando forma aos poucos. Então, a verdadeira maneira de você se conhecer não é você se investigar, é você permitir que Deus vá moldando você na medida em que você traz a Ele o que você já tem, por mais porcaria que seja.

Transcrição: André Nicola Candido Silva, Cynthia Leite, Juliana Camargo Rodrigues, Milton Nogueira Brando Neto, Jussara Reis, Luíza Monteiro de Castro, Horácio Neiva, Gilberto Edson
Revisão: Marcelo Hamnickel
Revisão final:

Caso tenha encontrado algum erro nesta transcrição ou tenha sugestões de alterações de frases ou parágrafos, envie um e-mail para: hamnickel@gmail.com ou aulasdocof@gmail.com